



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE
PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE**

FERNANDA PRISCILA ALVES DA SILVA

**“FAZER O CORRE E TER O PÃO DE CADA DIA”:
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, DINÂMICAS DE SOCIALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO
EM FAMÍLIAS DE PUTAS**

**Salvador
2021
FERNANDA PRISCILA ALVES DA SILVA**

**“FAZER O CORRE E TER O PÃO DE CADA DIA”:
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, DINÂMICAS DE SOCIALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO
EM FAMÍLIAS DE PUTAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da linha I – Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação e Contemporaneidade

Orientadora: Profa. Dra. Livia Alessandra Fialho da Costa

Salvador
2021
FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

CDD: 370

FOLHA DE APROVAÇÃO

**“FAZER O CORRE E TER O PÃO DE CADA DIA”: PARTICIPAÇÃO POLÍTICA,
DINÂMICAS DE SOCIALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO EM FAMÍLIAS DE PUTAS**

FERNANDA PRISCILA ALVES DA SILVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC, em 15 de abril de 2021, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



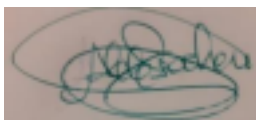
**Profa. Dra. Livia Alessandra Fialho da
Costa Universidade do Estado da
Bahia - UNEB Doutorado em
Antropologia Social e Etnologia
École des hautes études en sciences sociales, EHESS, França**



**Profa. Dra. Adriana Gracia Piscitelli
Universidade Estadual de Campinas -
UNICAMP Doutorado em Ciências
Sociais
Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil**



**Profa. Dra. Fabiana Rodrigues de Sousa
Centro Universitário Salesiano São Paulo –
UNISAL Doutorado em Educação
Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, Brasil**



Profa. Dra. Ana Claudia Lemos
Pacheco Universidade do Estado
da Bahia - UNEB Doutorado em
Ciências Sociais
Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil



Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder
Universidade do Estado da Bahia –
UNEB Doutorado em Sociologia e
Antropologia Université Lumière Lyon
2, LYON II, França

Às Trabalhadoras Sexuais: Mães, Putas e Companheiras de caminho!

AGRADECIMENTOS

*Tempo Rei!
Oh Tempo Rei!
Oh Tempo Rei!
Transformai
As velhas formas do viver
Ensina-me, Oh Pai!
O que eu, ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo
Socorrei!...Gilberto Gil*

Ah, Tempo, Tempo!!! Caminho, passos, desafios, encontros, gratidão! Das andanças que tenho feito, do lugar de onde vim posso dizer que também sou uma Mulher de Fé. Creio na força da Vida, dos encontros, das vivências, dos Amores possíveis. Aprendi bem cedo com Dona Tê e Seu Zé (meus pais) a importância da gratidão. Aprendi caindo e levantando os ensinamentos do Tempo, a espera atenta e o forçar necessário. Tem um mantra que me acompanha e diz muito destes caminhos e destas andanças: *“Saber esperar, sabendo, ao mesmo tempo forçar. A hora daquela urgência que não permite esperar”*. As urgências da vida, o esperar e o tempo.

Finalizando mais uma etapa destas muitas andanças que tenho feito, a gratidão me torna encharcada também de dor pelos tempos que vivemos. Gratidão à Vida, à Deus, Senhor e Senhora, Divina e Divino. Gratidão à Ruah que impulsiona, à Mãe do Perpétuo Socorro. Gratidão à Fé ensinada desde a tenra infância: aos amores de casa, Mãe, Pai, irmãs. Minhas manas Rafa e Mila são sem sombra de dúvidas a expressão da irmandade, sororidade, sabedoria e lucidez que a Vida poderia me ofertar. Generosidade e cumplicidade que

atravessam tempos e distâncias. Destes amores, a luz de Helena Mariana são raios a iluminar meus caminhos: uma menina plena, Iluminada, uma Menina Mulher que cresce atravessando o mundo com vigor e esperança. Ela é serena e Luz. Fogo e Amorosidade. Através dela comecei a entender a maternidade, este amor transbordante e transformador.

No processo de escrita, meu companheiro e companheira mais fiéis sem sombra de dúvidas foram e tem sido: João Bernardo e Luna Sofia. Meu menino Cheio de Graça e minha menina Lua Sábia. Esta tese, fala também da gente, do amor que estamos aprendendo a tecer, dos nossos medos, das nossas alegrias, das ausências e presenças. Gratidão por estarem aqui, às vezes do lado de lá da porta, brincando, cantando, me chamando; às vezes do lado de cá, rabiscando meus livros, digitando comigo, perguntando e aprendendo. Não tem sido fácil. Mas também não tem sido impossível. Neste período, uma das vivências mais dolorosas foi naquela manhã, quando João tinha quase dois anos e quase o perdemos. Saímos de casa com ele desacordado, após uma convulsão. Bernardo com ele no colo, Sofia acompanhando tudo e eu dirigindo. Chegar ao hospital e ver seu filho ser reanimado, a filha no colo, talvez tenha sido neste tempo a experiência mais medonha. O sopro. A respiração. João voltando. Tempo no hospital. Solidão. Naqueles dias, retornar do hospital e ver o abraço de Sofia e João: os dois se tocando, se vendo, se reconhecendo foi uma das cenas mais lindas de toda minha vida. Gratidão, meus Amores, meu amor menino e meu menina, como vocês costumam dizer. Este caminho tem outro sabor com vocês. Perdão amor pelas ausências, inseguranças, temores. Estou e estarei aqui para vocês, sempre que puder.

O caminho não se faz só. O fazemos caminhando e no encontro com outros. Dos amores que a vida me trouxe, Bernardo é companheiro do pão de cada dia. Se este texto foi possível, com certeza foi e continua sendo, porque este parceiro permanece do meu lado, todos os dias, a gente aprendendo a ser companheiro/a, parceiro/a, mãe, pai. A gente ri, chora, conversa, faz planos, se abraça, se beija e muitas outras coisas. A gente fica assim, todos os dias, aprendendo como caminhar junto. E às vezes não é fácil. Mas, com certeza muitas e muitas vezes tem sido possível, porque você caminha comigo. Obrigada, Bê!!!

A história desta Tese começou a muito tempo. Nesta noite, enquanto pensava neste texto de gratidão muitas mulheres me vieram ao coração. Esta

escrita pertence a elas e com elas toda gratidão que poderia demonstrar: Kátia, Baiana, Carioca, Lúcia, Luana, Cícera. Algumas mulheres que encontrei e já partiram. Outras mulheres que permanecem presentes em meus caminhos. Mas, sobretudo, minha gratidão às interlocutoras deste estudo: mães e filhas. Gratidão por me permitirem adentrar em seus caminhos, por compartilhar suas narrativas, histórias, dores e vivências: Fátima, Isete, Diana, Manu, Eliana e Tati. Com vocês aprendi muito sobre ser mãe, mulher e companheira. Com vocês tenho aprendido o significado da resistência, da batalha e do Amor entre mulheres. Obrigada por tanto. Obrigada por fazerem parte de minha Vida. Junto de Vocês minha gratidão à suas crias, filhos e filhas que me acolheram de forma tão generosa: Carol, Mayara, Taiza, Carlos e Línia. Obrigada por me permitirem me irmanar às suas histórias. Obrigada, Obrigada, obrigada!

Agradecer é fazer um caminho de retomada e (re)significações e por isso recordo que foi em 2015, no processo de aprovação do Mestrado que conheci Livia Alessandra Fialho da Costa, hoje uma referência em minha trajetória não só acadêmica, mas na vida. Livia me abraçou me instigando, provocando e acolhendo. Suas perguntas e inquietudes fizeram um rebuliço em mim. Mais que orientadora, Livia Alessandra é humanidade e sensibilidade. Tenho aqui comigo muitos e muitos momentos em que ela foi e tem sido muito mais que alguém que orienta um trabalho acadêmico. Ela é parceira mesmo. Obrigada Livia, por acreditar em meu potencial neste mundo acadêmico, por me chamar e convocar a OCUPAR meu lugar neste universo como pesquisadora e hoje como professora. Obrigada por me acolher quando meus filhos cresciam em mim, por tanto carinho e afeto aos dois, por seguir junto como parceira de caminho. Na verdade, não tenho palavras para agradecer à Vida sua chegada em meus caminhos. Gratidão imensa!

E por falar em academia, devo reconhecer que tive muita sorte: tenho mulheres incríveis e aqui trago minha gratidão à banca mais forte, linda e amorosa que eu poderia ter: Ana Claudia Pacheco, Adriana Piscitelli e Fabiana Sousa. Como é bom pesquisar e adentrar neste universo quando se tem ao lado mulheres que te impulsiona, te questiona e te puxa. Uma puxa a outra. Sinto verdadeiramente este movimento em vocês. Obrigada pela amorosidade, pela leitura cuidadosa, pelos questionamentos que me deslocaram. Muito obrigada a cada uma.

Neste caminho acadêmico são muitos e muitos parceiros que se

aproximam. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), em especial à linha 1, por ser este lugar que nos convoca a colocar no centro do debate os Outros e Outras que historicamente tem sido invisibilizados/as. Tenho muito orgulho de fazer parte deste programa. E junto dele de encontrar e trocar conhecimentos com meus amigos e colegas de caminho: Moisés, meu irmão, amigo e companheiro; a Elis, uma mulher arretada que instiga; a Larissa, referência e ousadia; Gerusa amiga desbravadora sempre, sempre, sempre. À todos colegas e amigos/as que tem tornado possível essas andanças na academia, meu muito obrigada.

À turma de Doutorado do ano de 2017, minha gratidão. Neste caminho, ainda agradeço a toda equipe de Secretaria do PPGEduC, em especial à Sônia, sempre cuidadosa e atenta às muitas demandas trazidas por mim. Obrigada Sônia pelo seu trabalho, mas, sobretudo por sua atenção. Obrigada por perguntar por meu João e minha Sofia. Isso sempre significou muito.

Bem, se este estudo foi e tem sido possível agradeço sobretudo à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) por apoiar e viabilizar a construção deste estudo. Gratidão!!!

Escrever não é tarefa fácil. O texto vai e vem. Vem e vai. Mas quando a gente encontra gente como Maria Rita tudo se torna mais fácil. Obrigada minha querida revisora, leitora. Obrigada por ler com tanto cuidado e carinho. Seu olhar e atenção fez toda diferença, principalmente, naqueles momentos em que a gente acha que não sabe escrever mais nada. Muito obrigada.

E nestes caminhos feito de encontros tem mulheres que me marcam pra vida toda: Ivoni Grando, Augustina Obi, Louraine Carvalho, Héliida Nogueira, Vanessa Siervers – mulheres amigas, irmãs e referências. Vocês marcam minha trajetória de forma impactante e libertadora. Obrigada por me permitirem fazer parte do caminho de vocês. Hoje, se este estudo foi possível, com certeza, foi porque em algum momento destas andanças pude e posso me encontrar e me tornar cada vez melhor com vocês e por meio dos aprendizados e saberes tecidos entre nós. Obrigada!!!

*Estou bem, mas dói
Um lampejo estridente
A latência e o pesar.*

*Estou bem, mas dói
O sopro que se apaga
A morte que vem
Os nossos caindo.*

*Estou bem, mas dói
O mundo pandêmico
A solidão
A distância.*

*Estou bem, apesar de...
Estamos tentando ficar
bem Todos
juntos
Na esperança de melhores
dias E de Vidas
preservadas.*

*Estou bem, mas dói
E essa dor
Ah! Essa dor me*

corrói. Fernanda Priscila

Alves da Silva

RESUMO

O foco desta tese é a análise das narrativas das mulheres trabalhadoras sexuais – Autorreferenciadas *mulheres da batalha* – sobre suas práticas e dinâmicas de socialização, formação, cuidado e educação dos seus filhos e filhas. Trata-se de um estudo empírico, de cunho exploratório, realizado entre os anos de 2017-2021. O referencial teórico se circunscreve ao campo de estudos em educação e dialoga com referenciais teóricos da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia. Tais referenciais favorecem a compreensão de como um processo de socialização e cuidado que permite às pessoas tornarem-se e constituírem-se sujeitos, em um movimento dialético e dialógico, onde a relação entre as pessoas, no processo de cuidado, educar-se e socializar-se é sempre uma relação entre outros, entre mãe/pai (cuidadores) e filhos (as), educador(a) e educandos(as), entre as pessoas e o mundo que o cerca. O grupo pesquisado é composto de mulheres de baixa renda, em exercício de prostituição, prevalecendo idade a partir dos 35 anos, além de um grupo mais amplo de pessoas que consiste do grupo que compõe os familiares e rede de apoio e cuidado das crianças e socialização e educação dos filhos e filhas. As trabalhadoras sexuais entrevistadas neste estudo são, em sua maioria, autodeclaradas negras, de famílias de camadas populares. A pesquisa realizou-se por meio de visitas a locais onde as mulheres da *batalha* se encontram: praça, rua, bares, unidades domiciliares com o objetivo de conhecer as redes de relações e apoio onde elas exercem o cuidado como forma de educação e socialização de seus filhos e filhas. Foi realizada uma aproximação das interlocutoras da pesquisa, sendo elas, ora as próprias trabalhadoras sexuais, ora alguns filhos adultos que aceitaram participar da pesquisa. As técnicas foram entrevistas, histórias de vida, histórias de família, contatos com as famílias e mais outras técnicas como, por exemplo, a observação e construção etnográfica. Os resultados apontaram que as famílias das trabalhadoras sexuais, as famílias de Putas, não se diferenciam em termos de organização dos outros modelos de famílias. Entretanto, a convivência com mães trabalhadoras sexuais constroem sujeitos com olhares diversificados e abertos às questões apresentadas pelo Movimento de Trabalhadoras Sexuais. Por outro lado, o processo de organização

e colaboração das trabalhadoras sexuais preconiza uma forma de cuidado pautada na solidariedade, rede que se apoia e organização coletiva no processo de socialização e educação dos filhos e filhas: a roda colaborativa é uma expressão de como as redes de afeto contribuem no “corre” das mães que também são Putas.

Palavras-Chave: Educação, cuidado, socialização, família, trabalhadoras sexuais.

ABSTRACT

The focus of this thesis are the narratives of female sex workers – self-referenced *women of battle* – about the practices and dynamics of socialization, formation, care and education of their children were. This is an empirical, exploratory study carried out between the years of 2018 and 2021. The theoretical framework is limited to the field of studies in education and dialogues with theoretical frameworks in Sociology, Anthropology and Psychology. Such references favor the understanding of how a process of socialization and care allows people to become subjects, in a dialectical and dialogical movement, in which the relationship between people, in process of caring, educating and socializing is always a relationship between others, between parents (caregivers) and children, educator and students, between people and the world around them. The researched group is composed of low-income women, engaged in prostitution, prevailing from the age of 35, in addition to a broader set of people that consists of the group that comprises the family members and a network of support for caring, socializing and educating the children. The sex workers interviewed in this study are for the most part, self-declared black, from low-income families. The research was carried out through visits to places where the women of the *battle* meet: square, street, bars, home units with the objective of knowing the networks of relationships and support where they exercise care as a form of education and socialization of their children. An approximation of the research interlocutors was made, sometimes with the sex workers themselves, sometimes with some adult children who agreed to participate in the research. The techniques were interviews, life stories, family stories, contacts with families and more other techniques such as, for example, observation and ethnographic construction. The results showed that the families of sex workers, the families of prostitutes, do not differ in terms of organization from other models of families. However, the coexistence with sex worker mothers build subjects with diversified views and open to the questions presented by the Sex Workers Movement. On the other hand, the process of organization and collaboration of female sex workers advocates a form of care based on solidarity, a network that is supported and collective organized in the process of socialization and education of children: the collaborative wheel is an expression of how networks of affection contribute to the “errands” of mothers who are also prostitutes.

Keywords: Education, care, socialization, family, sex workers.

RÉSUMÉ

Le propos central de cette thèse est l'analyse des narratives des travailleuses du sexe – qui s'intitulent elles-mêmes *femmes de la bataille* - autour des pratiques et des dynamiques de socialisation, de formation, de soins et d'éducation de leurs enfants. Il s'agit d'une étude empirique, de caractère exploratoire, menée au cours des années 2018 à 2021. Le cadre théorique se limite au champ des études en

éducation et dialogue avec des référents théoriques de la sociologie, de l'anthropologie et de la psychologie. Ces référents sont propices à la compréhension du fait que dans le cadre des processus de soins, d'éducation et de socialisation qui permettent aux individus de devenir et de se constituer comme sujets, par un mouvement dialectique et dialogique, la relation entre les individus est toujours une relation entre des autres : entre la mère / père (donneurs de soins) et les enfants (garçons et filles), les éducateurs-éducatrices et les éduqué(e)s, entre les individus et le monde qui les entoure. Le groupe étudié est composé de femmes à faible revenu, exerçant la prostitution, dont l'âge dominant est de 35 ans et plus, ainsi que d'un ensemble plus large de personnes qui font partie du groupe qui compose les membres de la famille et le réseau de soutien et de soins aux petits enfants et la socialisation et l'éducation des fils et des filles. Les travailleuses du sexe entendues dans cette étude se déclarent noires, pour la plupart d'entre elles, et sont issues de familles de classes populaires. La recherche a été menée à travers des visites d'endroits où les femmes de la *bataille* se trouvent : place, rue, bars, domiciles dans le but de connaître les réseaux de relations et de soutien au sein desquels elles exercent des soins comme forme d'éducation et de socialisation de leurs enfants. Un rapprochement avec les interlocutrices de la recherche a été effectué, c'est-à-dire soit avec les travailleuses du sexe elles-mêmes, soit avec des enfants adultes qui ont accepté de participer à la recherche. Les techniques utilisées étaient des entretiens, des histoires de vie, des histoires de famille, des contacts avec les familles, ainsi que d'autres techniques telles que, par exemple, l'observation et la construction ethnographique. Les résultats ont montré que les familles des travailleuses du sexe, les familles des Putes, ne diffèrent pas en termes d'organisation d'autres modèles de familles. Cependant, vivre avec des mères qui sont des travailleuses du sexe construit des sujets dont les regards sont diversifiés et ouverts aux débats présentés par le Mouvement des Travailleuses du Sexe. D'autre part, le processus d'organisation et de collaboration des travailleuses du sexe préconise une forme de soins fondée sur la solidarité, sur un réseau qui repose sur l'organisation collective dans le processus de socialisation et d'éducation des enfants : le cercle collaboratif est l'expression de la façon dont les réseaux d'affect contribuent à soulager la « bataille » des mères qui sont aussi des putes.

Mots-clés : Éducation, soins, socialisation, famille, travailleurs du sexe.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Diana Soares, Lourdes Barreto e Fátima Medeiros no evento

Mulher Dama **Fotografia 2** – Evento Mulher Dama

Fotografia 3 - Fátima Medeiros, Leila Barreto, João e Lourdes

Barreto **Fotografia 4** - Sofia e Lourdes Barreto

Fotografia 5 - Encontro da APROSBA – Casarão da Diversidade

Fotografia 6 - Coletivo ASPRORN reunidas em Natal/ RN

LISTA DE ABREVIACÕES

APROCE Associação de Prostitutas do Ceará
 ASPRORN Associação de Profissionais do Sexo do Rio Grande do Norte
 APROSBA Associação de Prostitutas da Bahia
 APROSMIG Associação de Profissionais do Sexo de Minas Gerais
 ASP Associação Sergipana de Prostitutas
 Cebi Centro de Estudos Bíblicos
 GAPC Gabriela Associação das Prostitutas de Camaçari GEMPAC
 Grupo de Mulheres Prostitutas da Área Central GIPS Grupo
 Independente de Profissionais do Sexo do Ceará IML Instituto Médico
 Legal
 PFF Projeto Força Feminina
 NEP Núcleo de Estudos da Prostituição

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO		1
	5	
1 A RUA, A CASA E O MOVIMENTO: sobre lugares, afetos e aportes teóricos		
.....		28
1.1 Aportes Teóricos que permeiam o estudo.....	28	
1.2 A rua: sobre lugares, contextos e geografias.....	44	
1.3 A casa: afetos, famílias e relações.....	50	
1.4 O Movimento deste a ótica do Nordeste Brasileiro.....	55	
2		A
PESQUISA		
...60 2.1 Etnografia das Interações: pesquisando a partir da Rua e do Movimento.....	61	
2.2 Por uma abordagem de gênero e da diferença: o campo corporificado.....	64	
2.3 O Campo, a <i>Batalha</i> , a rua: diversidades e heterogeneidades no terreno da prostituição.....	77	
.....77 2.4 Aproximação do Movimento.....	83	
3		E
CUIDADO: EPISTEMOLOGIA		
SENTIDOS	89	
3.1 O cuidado como conceito		

articulador entre filosofia e educação.....	90	33.2	Cuidado e
Educação Popular.....	94	3.3	
Cuidado, Família e			
Gênero.....	100		

4 EDUCAÇÃO E TRANSGRESSÃO: REFLEXOS DA CASA DE LUZ VERMELHA.....

.....	107	4.1	Educação e Contemporaneidade: Desafios e Perspectivas
.....	111	4.2	Por uma educação engajada e emancipadora.....
	117		

5 A RUA E O MOVIMENTO EDUCAM.....

.....	123	5.1	Algumas histórias e memórias: na baila etnográfica.....	130	5.2	Putas Mães: sobre maternidade, segredos e família(s).....	162
5.3.			História (s) de família (s) de Puta (s).....	172	5.4	Sobre Diferença, Histórias, Sentidos e Memórias: de quando Mulheres se contam.....	178

6. AS HISTÓRIAS DAS FILHAS E FILHOS DAS PUTAS.....

.....	184	6.1	Sobre a experiência de ser filha de trabalhadora sexual.....	185	6.2	Carlos: o filho da Puta e do Movimento.....	193
		6.3	Línia: sobre inquietudes e descobertas.....	198	6.4	Lua Mayara: questionamentos e descobertas.....	200
		6.5	Barbie: Coragem e busca.....	208	6.6	Interlocuções possíveis: reflexões sobre os filhos e filhas da Puta.....	212
		6.7	Práticas Educativas em Famílias de Putas.....	216	6.7.1A	batalha: por uma educação puta emancipadora.....	222

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

.....	231
-------	-----

REFERÊNCIAS.....

.....	241
-------	-----

ANEXOS.....

.....	253
-------	-----

PUTA

*Puta, empodera
No diálogo contigo
Empodero eu
Desfaz-se máscaras
Caem véus
E a nudez misturada com brilho reluz*

*Puta empodera
Palavra que rasga
Rasga, rasga!!!*

*Forte e intensa
Altiua guerreira
Pois este mundo travado
Dilacerado de hipocrisia, desigualdades e patriarcado
Tua voz me aquece
Tua afirmativa segura, feliz e envolvente
Equilibra minhas lutas*

*Puta empoderada, empodera
Tuas vivências, tuas lutas
São tuas lutas e delas: as outras Putas
Mas, devo lhe dizer: estas lutas têm se tornado tão minhas, dos meus,
tão nossas. Peço licença pra chegar
Peço licença pra ficar
E licença pra guerrear.*

*No diálogo contigo
Empodero a mim
Empodero meu corpo, prazeres, amores...
Empodero sentidos, altivez, nudez..*

*Corpo despido de máscara
Mas repleto de luz, purpurina e brilho
Repleto de alegria e encanto
De cheiros, sabores e encharcado de Vida*

*No diálogo contigo
A palavra tímida empodera
Ecoa! Grita! Ressoa!*

*Tomar a palavra
Rasgar a palavra
Apropriar-se da palavra
PUTA!
PUTA*

15

1 INTRODUÇÃO

*Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço, me sinto são e salvo e forte
E tenho comigo pensado: Deus é brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer no ano passado
Belchior*

Esta tese foi escrita e, sobretudo, finalizada no momento crítico da Pandemia do coronavírus. De certa forma, tornou-se paradoxal finalizar um estudo que fala sobre rua, circulação, mobilidade, estratégias de socialização, quando o

mundo está em reclusão, imerso na tristeza da perda de muitas pessoas acometidas pela COVID-19. O ano de 2020 e, este início de 2021, tem, aos poucos, e de muitas formas, desafiado a humanidade inteira. Muitas pessoas não resistiram ao vírus, muitas outras têm resistido cotidianamente diante do descaso do governo genocida que temos no Brasil, do contexto de vulnerabilidade e desigualdades. A garantia do pão de cada dia tem sido uma luta cotidiana: ficar em casa e sair para buscar sobrevivência tem sido a vivência real de muitas pessoas. A escrita e finalização desta tese traz as dores, os medos, os receios, os desafios deste contexto. Mas, carrega também o fio de esperança, aquele fiozinho que nos impulsiona a seguir, ainda que façam noites, e ainda que estas noites estejam sendo prolongadas demais.

Em 2017, os resultados de uma pesquisa que culminou numa dissertação de mestrado¹, trazem uma série de experiências, análises, impressões e emoções acerca da vida cotidiana de mulheres da e na *batalha*². Da dissertação nasceu esta tese, que retoma o mesmo contexto e, genericamente, o mesmo tema: a realidade de mulheres prostitutas em Salvador, capital do estado da Bahia, Brasil. O foco mais precisamente neste estudo está no diálogo, a partir das vivências e experiências de mães e filhas/os que se encontram em interação e relação com os contextos de prostituição, sobre como se constroem suas famílias, se educam e se socializam nestes contextos. Busco, assim, compreender de que modo são construídos os processos de socialização e educação dos filhos e filhas de trabalhadoras sexuais/prostitutas. Para isto, entrevistei prostitutas e seus filhos e “seguí” histórias de família.

¹SILVA, Fernanda Priscila Alves da. **Mulheres pobres em circulação: Aprendizados e Saberes construídos na batalha nas ruas de Salvador**. 2017. 215 f. Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado da Bahia. Departamento de educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. ² Categoria de análise que emergiu do campo e é entendida como a prática social da prostituição que envolve para além da realização do programa (relações sexuais e fantasias), as relações e interações no espaço – lugar da prostituição, relações que envolvem as mulheres entre si, entre os clientes, com os transeuntes e demais atores do cenário. Trata-se de um termo elaborado e reconhecido pelas mulheres como altamente significante

O “tempo” de realização da pesquisa é longo – entre 2017 e 2020 –, considerando o percurso de elaboração, aproximação e “conhecimento” da experiência cotidiana destas mulheres. O trabalho de campo, entretanto, específico desta tese, teve início no segundo semestre de 2017, quando realizei

as observações/entrevistas em Salvador (Praça da Sé ou na Associação das Prostitutas da Bahia). Foram entrevistadas 06 trabalhadoras sexuais e cinco filhos de trabalhadoras sexuais. Também tive contato mais direto com três adolescentes que se encontravam presentes em alguns momentos das interações; realizei seis histórias de família e conto com uma média de 1.200 horas de observação, isso significa uma média de 6 a 8 horas por semana, no período de três anos, além da participação nas reuniões, encontros, congressos, eventos do Movimento de prostitutas, visitas às famílias e acompanhamento das lideranças do Movimento.

Ao longo destas “conversas” que o campo permite, foi sendo construído este texto, a partir de alguns conceitos impulsionadores: cuidado, educação, prostituição, movimento, família (s). Os achados e, sobretudo, as inquietações do campo viraram capítulos – com clareza de que a questão de encarar o Outro se diferencia da questão de encarar uma página (GEERTZ, 1989). O primeiro capítulo tem como objetivo apresentar brevemente as interlocutoras deste estudo e o modo como a pesquisa atravessa a pesquisadora. Apresento também neste capítulo os lugares, contextos por onde o estudo fez seu percurso acompanhado dos enlaces do movimento e do ativismo de trabalhadoras sexuais, que são por excelência as atrizes principais desta pesquisa. O segundo capítulo conta a história da construção dessas inquietações, ao passo que revela o percurso afetivo da autora ao construir conhecimento a partir da etnografia e das questões implicadas no ato de escrever sobre os Outros. O terceiro capítulo discute os aspectos metodológicos desta pesquisa, considerando que se trata de um estudo interdisciplinar pautado em uma abordagem de gênero e de caráter etnográfico. No quarto capítulo, apresento o conceito cuidado aparecendo como chave neste estudo e em articulação com o conceito educação. A partir do quinto capítulo reconheço o cerne deste estudo, ou seja, a partir deste momento pretendo aprofundar as histórias e memórias de mães, filhos e filhas acerca da educação e socialização construída nas famílias de trabalhadoras sexuais. Os capítulos subsequentes refletem os temas que atravessam a discussão deste estudo: a perspectiva dos filhos e filhas das Trabalhadoras Sexuais e as provocações, o cuidado, a educação, as descobertas e problematizações do estudo.

As interlocutoras da pesquisa são, em sua maioria, atores sociais que de

longa data já tenho vínculos construídos, seja por ocasião da pesquisa anterior, seja pelo fato de ter trabalhado em uma instituição que atua com mulheres da *batalha* no centro de Salvador. Tati, Fátima, Isete, Manu, Eliana e Diana são mulheres com quem tenho dialogado sobre maternidade, família e cuidado com os filhos/as. Suas trajetórias são distintas, o que as coloca em ponto de encontro é o fato de exercerem a prostituição como trabalho. No processo de diálogo sobre o tema desta pesquisa, algumas se lançaram questionando-se e ao mesmo tempo me provocando quanto ao significado da maternidade e da criação dos filhos e filhas. Não pretendo discutir a fundo o que seja maternidade e quais seus impactos na vida das mulheres, mas a partir das narrativas compreender o sentido que atribuem ao seu processo de maternar, e isso em algumas situações, significa não ter assumido o cuidado integral de seus filhos e filhas.

A partir das narrativas busco compreender o sentido que atribuem ao seu processo de maternar. Isso, em algumas situações, significa não ter assumido o cuidado integral ou desejável/desejado de seus filhos e filhas. A seguir um quadro com informações das interlocutoras (mães):

Quadro 1: Interlocutoras do estudo

NOME	IDADE	COR	FILHAS/OS	CLASSE	GÊNERO	ORIENTAÇÃO SEXUAL	LOCAL DE BATALHA	MOVIMENTO REFERÊNCIA
Maria Sebastiana Tati	40	Negra	05	Popular	Cisgênero	Heterossexual	Salvador/BA	Não se aplica
Maria de Fátima Medeiros	53	Branca	02	Popular	Cisgênero	Heterossexual	Salvador/BA	APROSBA
Isete Santos	45	Negra	04	Popular	Cisgênero	Heterossexual	Salvador/BA	Associação Gabriela – Camaçari/BA
Emannuela Santana	36	Negra	04	Popular	Cisgênero	Heterossexual	Salvador/BA	Não se aplica
Eliana Conceição	42	Negra	02	Popular	Cisgênero	Heterossexual	Salvador/BA	Não se aplica
Diana Soares	62	Negra	06	Popular	Bissexual	Bissexual	Natal/RN	ASPRORN

Fonte: Quadro elaborado pela autora

Esse quadro apresenta algumas caracterizações das interlocutoras deste

estudo. As mulheres entrevistadas têm idade entre 36 e 62 anos, em sua maioria, cisgênero, mantendo relações heterossexuais. Apenas uma das interlocutoras mantém relacionamento homoafetivo. Das seis mulheres entrevistadas, cinco são negras, o que demarca uma dimensão importante na discussão aqui apresentada. Cinco destas trabalhadoras exercem o trabalho sexual em Salvador e apenas uma é de outra região: Natal/RN. Todas as mulheres vêm de classes populares, e além do trabalho sexual desenvolvem também outras atividades

18

complementares da renda familiar, duas tem uma banca de vendas na Praça da Sé, duas fazem trabalhos de artesanato, uma das trabalhadoras tem também o auxílio da bolsa família como complemento da renda e a outra desenvolve outras atividades (não mencionadas), mas, segundo ela contribuem na renda da família. Das seis mulheres entrevistadas, quatro delas tem casa própria e as outras duas pagam aluguel, estas casas se localizam em localidades como regiões periféricas e/ ou no Centro Histórico em condições adversas.

O encontro com os oito filhos e filhas nesta pesquisa surge no processo de construção do estudo, pois ali, percebi a necessidade de conversar e escutar sobre quais têm sido as experiências deles e delas. As narrativas serão apresentadas no conjunto do texto, ora a partir de minha narrativa, ora a partir da narrativa das interlocutoras, assim, todas às vezes que as narrativas forem falas das interlocutoras o texto estará redigido em itálico, para que haja um melhor entendimento e compreensão no desenvolvimento da escrita. Sigo apresentando minha trajetória e os elos de encontros neste estudo.

No processo de escrita da tese movimento-me entre o lugar de pesquisadora em transição ao convite permanente pela autonomia acadêmica, e, por que não, pela busca (ousada) por uma autoria própria. Retomando a caminhada, desde e a partir de outras referências, pelas marcas deixadas pelo aprendizado em se fazer pesquisadora e tornar-me pouco a pouco protagonista de meu fazer/tecer/construir pesquisa, vão se organizando palavras soltas, entrecortadas, silêncios, folha em branco e uma mistura de sentimentos, reflexões e incoerências. Magnani (2002) aponta que essa experiência, de pesquisar, provoca efeitos no/a pesquisador/a, ela o “afeta”, transforma, produz-se nele e, no limite, o/a converte. Certamente, esta produção tem causado diversos movimentos

em mim, a coragem de tocar temas e escutar histórias e memórias de mães, filhos, filhas, companheiros tem significado escutar também minhas próprias cantigas familiares, as vozes de minhas crias, as vozes em mim.

Atravessada pela maternidade e dividindo meu tempo de pesquisadora com o longo e laborioso tempo de matinar, vejo-me em outro lugar: do Mestrado ao Doutorado são transformações intensas, tensas, densas e fecundas. O movimento é do lugar de “sou eu mesma responsável por mim e minhas decisões”, ao lugar de “agora sou responsável por outrem chego ao doutorado, recém-mestra e atravessada por muitos questionamentos e aprendizados sobre como pesquisar, analisar, dissertar...”. Sentimento que foi aos poucos se transformando ao logo da tese, do processo de escrever e pesquisar, do nascimento a fase

19

“do ser criança”, como dizia aos meus pequenos. Sofia às vezes me recordava quando completou três anos: “mamãe, não sou mais bebê”, em seguida afirmava: “mamãe sou nené grande”, oscilando entre ser bebê ou não ser mais bebê; um oscilar que certamente esteve me acompanhando durante o processo de escrita e construção desta tese.

Neste processo, com a presença dos gêmeos (bebês e em crescimento) – escrever algumas palavras ou me colocar em processo de construção de uma tese - escuto o choro de João ao fundo. Já é tarde. Sofia dorme. E Bernardo (o pai) tenta fazer João dormir. Enquanto busco as palavras e tento compreender o caminho trilhado até aqui, escuto a inquietude de meu pequeno, oscilando entre a vontade de dormir e a vontade de permanecer acordado. Ele luta contra o próprio sono, certamente, porque a companhia do pai lhe parece ser algo bem interessante, mas também porque, com apenas nove meses, não sabe que é preciso apenas fechar os olhos e dormir. Seus pequenos olhos fecham-se e se abrem novamente, ele começa a adormecer e acorda de novo numa luta incessante. Este movimento, seu choro e inquietude atravessam minha escrita e meu desafio de tentar recomeçar. Retomar a pesquisa. Voltar de novo ao lugar da pergunta, do questionamento, da inquietude.

Durante o mestrado busquei investigar os processos de mobilidade, movimento, socialização e construção de saberes das mulheres pobres inseridas em contexto de prostituição, no centro de Salvador. Naquele momento, estar na

rua, implicou em captar e perceber como as mulheres da *batalha* tecem e constroem saberes e aprendizados na rua, a partir da rua, entre a rua, na vida e na *batalha*. Neste movimento, muitas vezes outros sussurros e choros, inquietudes e brincadeiras perpassaram nossos encontros, e assim, observando e interagindo com as mulheres vi e dialoguei com seus filhos e filhas. Estar na rua, na *batalha*, para muitas das mulheres com as quais tenho encontrado ao longo de anos de trabalho e pesquisa tem sido o lugar de agenciamento, o lugar onde elas constroem sentidos e significados para suas vidas e de seus familiares. A *batalha*, portanto, não é apenas um meio para “ganhar a vida”, mas com certeza um meio para “fazer a vida” em toda sua plenitude e com todo significado que este fazer pressupõe. As mulheres da *batalha* são tias, avós, filhas, irmãs, colegas, amigas, mães. Elas fazem opções, renúncias, acertam, erram, transgridem ou seguem as normas estabelecidas como toda e qualquer pessoa inserida nesta sociedade. Isete uma de minhas interlocutoras, me disse no processo de construção deste (a) Te(Se)cido que a “maternidade é parada obrigatória”. Pois, então, fazendo também do lado de cá, minhas escolhas, renúncias e atravessada pela maternidade,

20

escrevo sobre um tema que, certamente, neste momento de minha trajetória me atravessa e me interpela.

E assim a maternidade também me atravessa....

Na Parada Obrigatória! Na Obrigatória Parada!

Enquanto espero a passagem de outros, respiro, pauso e vejo o tempo certo para seguir. No Mestrado, estudava e escrevia, na solidão de uma casa que só cabia, os livros, a mesa e eu... No

Doutorado, enquanto estudo e pesquiso, escrevo ao som de cantigas infantis, movimentos mirabolantes e uma alegria que contagia a casa, os pensamentos e a escrita!

Seguimos! A Parada nos coloca no cruzamento necessário!

Paradas nos fazem seguir.

Fernanda Priscila Alves da Silva, 08 de junho de 2019.

Durante a pesquisa anterior – e certamente durante os vários anos que pude estar imersa no contexto da prostituição com toda sua diversidade e complexidade – encontrei mulheres aguerridas, em luta, resistência, dinamizando suas vidas das mais variadas formas possíveis. Seus corpos traziam (e trazem) marcas que sempre me impressionaram, suas falas e silêncios têm provocado um processo desconcertante e inquietador. Particularmente, no processo de construção da

pesquisa no mestrado pude me aproximar de autores e autoras que balançaram minhas convicções e me colocaram “cara a cara” com o tema da prostituição de forma mais ampla. Estes autores e autoras, pesquisadores/as inquietos/as com o tema e toda sua gama de ramificações em sua maioria estavam e continuam preocupados/as com as pessoas, os atores sociais que vivenciam em sua existência tal prática. Uma fala de Olivar (2010) descrita em sua tese de doutoramento: “*Guerras, trânsitos e apropriações políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre*” acompanhou todo o percurso do mestrado e certamente continua ecoando neste recomeço. Ele afirma: “Para além do trabalho comércio, a prostituição teria que ser entendida também como corpo de experiência... *espaço privilegiado de existência*” (p.28, grifo meu)

Muitas vezes, nós, pesquisadores/as do tema, nos deparamos com olhares que ora vitimizam, ora estigmatizam as mulheres da *batalha*. Também no campo do trabalho social estes olhares são permanentes. Entretanto, tenho encontrado e percebido, concordando com Olivar (2010), a *batalha* e/ou a prostituição (sendo um lugar de muitas relações e interações) é lócus de existência, diria até que um lócus de existências, pois em seu existir singular cada mulher da *batalha* é atravessada por diversas existências outras. Foi com estas outras existências que muitas vezes nos encontros pude compreender melhor as mulheres, seus dramas e tramas.

21

Nos últimos 20 anos, muitos estudos têm sido produzidos sobre prostituição no Brasil, constituindo um campo de conhecimento, gostaria de destacar, então, Piscitelli (2002, 2004, 2005, 2007, 2011, 2013); Olivar (2010, 2013); Sousa (2007, 2012), Fonseca (2003, 2004), Tedesco (2008) como autores/as de cabeceira, pois têm me encorajado a seguir pesquisando e me inquietando com o tema.

Neste processo, a partir dos encontros e o estar em campo durante o mestrado, inquietava-me (e ainda inquieta) compreender como estas mulheres, no dia a dia, cuidam, educam e contribuem para os processos de socialização de seus filhos e filhas. As famílias das mulheres da *batalha*, construídas e geridas por elas e por outras pessoas, como por exemplo avós, irmãs, em grande parte mulheres, guardam formas e modos de cuidado, educação e organização que

merecem ser estudados, na perspectiva de entendermos as estratégias, tensões e dificuldades porque passam as mulheres no projeto educativo de seus filhos/as. Se educar é uma forma de fazer o Outro assimilar o espaço em torno de si, de que modo elas se organizam dado os desafios de seu trabalho e as deficiências no que tange às políticas públicas que garantam espaços para que seus filhos e filhas possam ter acesso? Como se constituem suas famílias? Quais são as tensões, prazeres, ajudas, apoios, silêncios e segredos que atravessam a privacidade de suas famílias? De que modo cuidam e educam? Com quem podem contar? Tais questionamentos emergem também da compreensão, comparativa, de que modelos teóricos, ou discursos sobre educação, parecem ser muito restritos para entender as dinâmicas de transmissão de valores.

A construção moral acerca, por exemplo, do lugar que a mulher deve ocupar na sociedade e na família, ou ainda, com quem as crianças devem ficar no processo de cuidado e educação são elementos que se diferenciam a partir deste estudo. Em algumas situações, a escolha de “deixar os filhos” aos cuidados de outra(s) pessoas(s) significa para estas mulheres uma forma de cuidado. Isto parece ser o justo e necessário na educação de seus filhos. Em outras situações, porém, assumir este cuidado – ainda que, como consequência, a criança deva estar em seu ambiente de trabalho, na praça, no bar, na rua –, significa exatamente a responsabilização e o cuidado, próximo de si. As relações familiares que permeiam, portanto, estes contextos, são tecidos a partir da experiência de família anterior e do desejo de construir um “modelo” de família que na atualidade responda as necessidades deste contexto.

Desse modo, a presente pesquisa tem como objetivo geral estudar as práticas e dinâmicas de socialização, formação, cuidado e educação de filhos/as de mulheres que

22

exercem a prostituição de baixa renda em Salvador, Bahia / no Nordeste Brasileiro. Como objetivos específicos, busca-se:

- Analisar as estratégias de cuidado construídas e experiência das mulheres e suas famílias diante da necessidade de educar e socializar seus filhos e filhas;
- Mapear quem são os familiares e rede de apoio mobilizados nas formas de cuidado, dinâmicas de socialização e

educação das crianças que se encontram no contexto da prostituição e/ou estão sob a responsabilidade das mulheres que estão inseridas nesta prática, e,

- Mapear os enfrentamentos e desafios vivenciados pelas mulheres e familiares no que tange ao processo de cuidado e educação das crianças que vivem o contexto de prostituição da mãe.

No mestrado, ao analisar as trajetórias, narrativas e saberes construídos pelas mulheres no cotidiano da prostituição, verificou-se que no movimento das interações e relações no espaço da *batalha*, rua e dentre os diversos atores que circulam nestes espaços estão presentes (seja nas falas, memórias, espaço geográfico) os filhos e filhas das mulheres que compartilham das vivências a partir desta prática.

Durante a inserção em campo, foi possível observar os modos e formas como as mulheres constroem e organizam seu cotidiano a partir da prática da prostituição e da busca de condições de vida digna³. As cenas que chamam a atenção relacionam-se com temáticas que circundam as trajetórias de vida destas mulheres: família(s), prostituição, violências, sustentabilidade, cuidado com os filhos e filhas, preconceito, estigmatização, políticas de direito. Desse modo, a pergunta que norteia esta pesquisa é: Que modos de organização, educação e socialização dos filhos são elaborados por mulheres que exercem a prostituição no Centro de Salvador? Enquanto educadora social, muitas vezes, escutei, em momentos de visitas aos locais de prostituição (bares, boates, rua, orla, hotéis), histórias nas quais as mulheres recordavam o seu tempo de infância, as dificuldades, alegrias e desafios enfrentados; assim como uma relação entre essa memória do “passado” e a realidade “presente”, onde as narrativas giram em torno do cuidado com os filhos e filhas. Em muitos relatos, aparece a afirmativa de que se tenta fazer diferente daquilo que foi vivenciado, de

³Entendo “vida digna” a partir do que as próprias mulheres têm ressaltado, ou seja, vida digna significa ter condições (físicas, econômicas, sociais, culturais, política e religiosa) de gerir o próprio sustento e de seus familiares, assim como de garantir o acesso aos direitos sociais: educação, moradia, lazer, saúde, cultura, entre outros.

que agora quer “dar uma vida melhor” para seus filhos e filhas. Por outro lado, em

diversas situações, tomar a decisão de não assumir este cuidado e educação, em decorrência da vida na *batalha*, na rua ou por outros motivos, delegando esta responsabilidade para outros foi (e continua sendo) para muitas mulheres a expressão de como podem cuidar e educar seus filhos e filhas.

Em algumas situações, na prática cotidiana dos projetos sociais da Rede Oblata⁴, as mulheres traziam seus filhos e filhas para participar das atividades, eventos, celebrações. Nestes momentos, era possível visualizar e acompanhar os modos pelos quais as mulheres interagiam com seus filhos e filhas. Por outro lado, estes espaços também permitiam ver os modos como as mulheres interagem entre si no cuidado dos (as) filhos (as) umas das outras. Mesmo na rua, diversas vezes pude presenciar situações nas quais as crianças estavam sob o cuidado e responsabilidade de outra mulher, que não fosse a mãe, em decorrência de alguma urgência, dos trabalhos, situações de saúde, entre outros.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo empírico, de cunho exploratório, cujo universo de participantes envolve trabalhadoras sexuais, suas famílias considerando os processos de cuidado, socialização e educação de crianças, filhos e filhas destas trabalhadoras. As interlocutoras residem em Salvador, Bahia, Nordeste Brasileiro. O grupo pesquisado é composto de mulheres de baixa renda, em exercício de prostituição, prevalecendo idades a partir dos 35 anos, familiares e rede apoio e cuidado das crianças e socialização e educação dos filhos e filhas. As trabalhadoras sexuais deste estudo são em sua maioria autodeclaradas negras. Temos apenas uma interlocutora autodeclarada branca. As famílias aqui representadas advêm das classes populares e representam questões muito semelhantes daquelas vivenciadas por outras mulheres e famílias negras e de classes populares.

Partimos de um estudo exploratório, buscando identificar as possíveis mães disponíveis para a realização da enquete extensiva. “Enquete extensiva” é o nome que damos ao conjunto de levantamentos que se darão ao longo do tempo com as mesmas interlocutoras da pesquisa. Foi realizada uma aproximação das interlocutoras da pesquisa, sendo elas, ora as próprias trabalhadoras sexuais, ora alguns filhos adultos que aceitaram

⁴ Rede Oblata: Rede de projetos sociais que atuam com mulheres inseridas em contexto de prostituição coordenado pelo Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor. Em 2002, atuei como educadora social em Belo Horizonte, com as trabalhadoras sexuais da Rua Guaicurus. Em 2009, passei a residir em Salvador, atuando primeiramente como educadora social no Projeto Força Feminina e a partir de 2010 na coordenação e gestão do Projeto. Em 2015, quando fui aprovada no

participar da pesquisa. As técnicas foram entrevistas, histórias de vida, histórias de família (PINA-CABRAL, 2005), contatos com as famílias e mais outras técnicas como, por exemplo, a observação e construção etnográfica. Na perspectiva de Fonseca (2004) trata-se de procurar compreender certas dinâmicas, observando e olhando de forma realista para as diferenças culturais que se existem no interior das sociedades e dos grupos.

A partir deste conceito de experiência, a perspectiva é captar as narrativas das mulheres, acerca dos modos como cuidam, socializam e educam seus filhos e filhas, assim como se buscará compreender suas interpretações sobre estes processos, as rupturas, mudanças, continuidades, descontinuidades e tradições. Desse modo, ao se tratar de experiências narradas, a dimensão da temporalidade interna das narrativas se faz fundamental.

Expor, contar, referir, dizer, registrar, por em memória (e, portanto lidar com a temporal idade) são elementos semânticos constitutivos do termo narrar. Os sujeitos sobre os quais se debruça uma pesquisa narram ao pesquisador eventos, trajetórias, valores, ações, atores, enredos, e é isso também que o pesquisador relata aos seus leitores (KOFES e PISCITELLI, 1997, p. 346).

Na perspectiva destas autoras, o estudo de trajetórias guarda uma intenção biográfica, no sentido em que observa o modo pelo qual as pessoas entrevistadas relacionam em seus relatos, aquilo que foi significativo e formativo. Os relatos tornam-se, portanto, campo de interpretação da construção de uma identidade narrativa. Para Bosi (2003), as narrativas para além de uma forma de organização de discursos, podem ser entendidas como espaço de esquecimentos e silêncios, não se organizando de forma linear, mas se desenvolvendo no movimento das idas e vindas do “trabalho de memória”.

A pesquisa realizou-se por meio de visitas a locais onde as mulheres da *batalha* se encontram: praça, rua, bares, unidades domiciliares com o objetivo de conhecer as redes de relações e apoio onde elas exercem o cuidado como forma de educação e socialização de seus filhos e filhas. Visto já haver uma aproximação desta realidade, em decorrência do trabalho de educadora social realizado anteriormente e da pesquisa de Mestrado desenvolvida nos anos de 2015 e 2016, a pretensão agora é aprofundar este conhecimento em torno da

pesquisa e temática deste estudo.

Na observação participante, parte essencial da etnografia, pretendeu-se focar o olhar em como as mulheres, familiares e rede de apoio que constroem, inventam e reinventam formas de cuidado, dinâmicas de socialização/ educação das crianças e se encontram no contexto da prostituição e/ ou estão sob a responsabilidade das mulheres que estão inseridas

25

nesta prática. Neste sentido, a observação considerará os diversos atores sociais que compõem este cenário: familiares, cuidadores, colegas de *batalha*, clientes, companheiros(as), entre outros.

No campo de estudos sobre prostituição, a opção pelo uso de narrativas tem sido uma estratégia metodológica utilizada por muitos autores que têm buscado evitar generalizações e a produção de enunciados essencializantes e redutores da complexidade desta prática social (FONSECA, 1996; SOUZA, 2004; PASINI, 2009).

Por um lado, a opção metodológica se concentra em captar por meio das narrativas este processo e, de outro lado, esta opção será pautada na etnografia como estratégia de pesquisa. Por meio deste procedimento, busquei estabelecer contato e as trocas com as mulheres da *batalha* de Salvador, Bahia e também com mulheres inseridas no Movimento de Prostitutas, em particular com mulheres afiliadas a Articulação Nacional de Profissionais do Sexo⁵.

Desta forma, o trabalho pretendeu se desenvolver por meio da construção de diálogos, conversas, visitas e aproximações. Além de espaços de entrevistas sobre o tema pesquisado. Para Geertz (1989, p.15), “praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”.

Fazer etnografia exige uma consciência teórica e epistemológica do objeto ou dos vários elementos dele decorrentes.

[...] como se cada peça do quebra-cabeça tivesse que ser aparada e refinada, para que o jogo fosse bem compreendido. O que vemos não é a realidade objetiva; é a relação entre um objeto construído e, portanto, dado às interpretações e um sujeito que observa e subtrai, adiciona e divide a complexidade da vida social. [...] Multiplicar as chances interpretativas não é o fim último do etnógrafo, mas, antes é amarrá-las coerentemente (COSTA, 2015, p. 239).

Através desta opção metodológica busquei compreender o mundo conceitual, ou seja, o universo de significados, de crenças e os modos de vida dos sujeitos. A observação

⁵ A Articulação Nacional de Profissionais do Sexo foi fundada em 20.12.2016 e tem objetivo de ser um instrumento de expressão na busca pela defesa e na promoção dos direitos humanos, deveres e do respeito pleno às Trabalhadoras e Trabalhadores sexuais, por meio do desenvolvimento de atividades e ações sócioeducativas e preventivas a discriminação e a violência. Bem como propagar ações de Saúde, Assistência, transversalizando o Controle Social no enfrentamento às IST/AIDS e HV; além da garantia dos direitos humanos relativos à Cidadania e dos Direitos Sexuais da população de Profissionais do Sexo do País. Mais recentemente, ao final de 2020 a Articulação passou a ser chamada de ANPROSEX, Associação Nacional de Profissionais do Sexo.

26

consistiu em captar as associações semânticas, narrativas e definições explícitas ou não do universo estudado.

Trata-se de correlacionar ações (sejam elas verbais ou gestuais) com descrições (sejam êmicas ou éticas), conferindo a relação de disjunção entre as duas áreas. A quantificação permite-nos ter acesso à distribuição temporal e espacial das pessoas, das coisas e das ações: a dinâmica evolutiva das relações no tempo e no espaço, que só indiretamente se conjuga com a dinâmica evolutiva que os agentes explicitam. Assim, emergem processos recorrentes, a todos os familiares, mas que assentam sobre o regime do não dito [...] As disjunções e as associações assim identificadas constituem uma das portas que nos permitem ter acesso a não-ditos – ao subentendido, mas também ao impensado: àquilo que, no cotidiano, está escondido pela naturalização das opções, pela objetivação das identidades, pelo trabalho de silenciamento do poder simbólico (PINA CABRAL, 2008, p. 72).

Por outro lado, durante o processo de construção da pesquisa me aproximei da Associação das Prostitutas da Bahia (APROSBA) e posteriormente da Articulação Nacional de Profissionais do Sexo, região Norte/ Nordeste viabilizando outro olhar acerca da realidade das trabalhadoras sexuais, visto que de um lado tive a oportunidade de aprofundar o olhar com as mulheres da *batalha* e de outro com as mulheres que se reconhecem como trabalhadoras sexuais. Importante frisar, que um modo de estar no mundo e se fazer mediante a profissão não anula o outro. As mulheres da *batalha* são também trabalhadoras sexuais e vice versa, o que diferencia aqui é o modo como cada grupo e cada mulher especificamente se

localizam e se posiciona no mundo. A fala de Manu, uma de minhas interlocutoras deixa isto muito claro. Ela não está afiliada ao Movimento de Profissionais do Sexo, trabalha na Praça da Sé e reside no Pelourinho e afirma que a prática da prostituição é trabalho e não se envergonha de sua profissão, entretanto, não gostaria de ver sua filha optando por este trabalho.

A realização de reuniões e, especificamente, do projeto intitulado: *Fortalecer as trabalhadoras sexuais para vencer o COVID-19* iniciado em 2020 me permitiu participar de debates e discussões das trabalhadoras sexuais da ANPROSEX. Participei ativamente deste processo desde a escrita do projeto, participação do edital e aprovação. Com o apoio da Organização das Nações Unidas Mulher (ONU) o projeto teve como objetivo principal fortalecer as lideranças de cinco coletivos que fazem parte da ANPROSEX, a saber: APROSBA (BA), Filhas da Luta (RN), Grupo Independente de Profissionais do Sexo

27

(GIPS) (CE), Madalenas (AL), Coletivo Coisa de Puta Positivo (PA). A oportunidade de acompanhar este processo contribuiu para compreender desde dentro os debates, inquietações e perspectivas destas lideranças. Três filhas destas Trabalhadoras Sexuais, além de companheiro e companheiras também estiveram presentes em alguns espaços de debates permitindo a observação dos modos como as relações familiares são tecidas neste contexto, em processo de engajamento político de Movimento de Trabalhadoras Sexuais.

Uma das experiências mais significativas neste processo foi presenciar as labutas do cotidiano enfrentado por estas trabalhadoras. Como tínhamos espaços de reunião, que em sua maioria aconteceu de modo remoto, devido à pandemia pelo COVID-19, tive a oportunidade de visualizar fotos, escutar áudios de situações cotidianas: o acompanhamento de filhos ao hospital e/ou outras figuras familiares, as crises familiares e as divergências de opiniões, a alegria pelo nascimento de um neto ou neta, o acompanhamento e enfrentamento de situações de saúde ou falecimento, as divergências dentro do próprio Movimento quanto à perspectivas e opiniões. Além do mais, um elemento muito presente neste processo foi perceber a solidariedade destas Trabalhadoras Sexuais, o modo como se ajudam quando a “corda fica pesada”. Ainda que houvesse situações de conflito, quando qualquer uma passava por alguma dificuldade as demais iam ao

encontro. Estas manifestações estiveram expressas em: “vaquinha” coletiva, escuta, incentivo, acolhida de outra colega na residência em momento de doença e cuidado com a saúde. E neste processo as famílias destas mulheres participavam ativamente. A seguir apresento o cenário onde é construído o presente trabalho.

A tese está dividida em seis capítulos e as considerações finais.

28

1. A RUA, A CASA E O MOVIMENTO: sobre lugares, afetos, ativismo e aportes teóricos

Palavras que fazem sentido.

Esta tese nasce do encontro entre mulheres na Praça da Sé.

A partir daí, a narrativa apresenta alguns elementos: primeiro, a Praça da Sé, segundo, as mulheres da *batalha* e suas narrativas; terceiro, os filhos e filhas das Putas, por fim, esta que vos fala e como chego até aqui. A proposta deste capítulo é buscar evidenciar o que foi apontado na introdução: a chegada a esta pesquisa e estudo, a relação com as interlocutoras e com os lugares que marcam estas narrativas, escutar as narrativas dos filhos e filhas e como a educação e socialização se estabelecem nestas relações.

A rua, a casa e o movimento.

A rua como espaço geográfico e também como contexto, território e trânsito. A casa como expressão dos afetos, da *relacionalidade*, das vivências familiares, do cuidado e das interações sociais. E por fim, o Movimento de Putas como representação do engajamento e ativismo das trabalhadoras sexuais.

Apresento os aportes teóricos que atravessam este estudo. As categorias aqui elucidadas estarão presentes em toda a discussão e problematização que as narrativas e histórias de famílias das Trabalhadoras Sexuais poderão provocar. Destacamos os conceitos: cuidado, educação popular, família, parentesco, prostituição e movimento de trabalhadoras sexuais. Iniciamos o diálogo com estes aportes no sentido de compreender os caminhos teóricos que pretendemos trilhar.

1.1 Aportes Teóricos que permeiam o estudo

Nós escolhemos umas às outras
o limite das batalhas de umas e outras
a guerra é a mesma

se perdemos
um dia o sangue das mulheres irá coagular
sobre um planeta morto
se vencermos
não há como saber
buscamos além da história
por um novo e mais possível encontro.
Audre Lorde (2019))

Para Bustamante (2009), o cuidado envolve a construção de projeto de pessoa, isto significa não apenas a preocupação com o sucesso prático daqueles que ocupam os lugares

29

de cuidadores no espaço social, mas está relacionado com diversos e múltiplos interesses. Na educação, por exemplo, o cuidado é um tema importante e está presente quando se discute políticas e práticas de educação. Para os diversos atores deste campo surge a reivindicação de se valorizar o cuidado como uma dimensão inseparável da educação.

As abordagens conceituais sobre cuidado se localizam de modo preponderante em produções acadêmicas na área de saúde, especialmente na saúde coletiva. Anéas e Ayres (2011) afirmam a existência de modos cindidos e separados de considerar o cuidado em saúde. Para Bustamante (2014), baseando-se em uma revisão crítica da literatura sobre o cuidado em saúde e a partir da pesquisa etnográfica o cuidado de um lado se constitui um horizonte normativo para as práticas de saúde, e de outro, “o cuidado não tem uma qualidade definida a priori” (p.675), ou seja, ele se constrói no cotidiano a partir das relações e interações.

A partir da perspectiva da educação popular libertadora, é possível visualizar uma educação para o cuidado e que esteja preocupada com esta categoria.

A educação popular possibilita reler a história com outras lentes e convocar para dentro do círculo quem estava fora. Assim, os silenciados e silenciadas da história vêm falar de sua realidade e soltar a voz. [...] Neste sentido, a educação nesta perspectiva ganha novo contorno, pois ela desloca o eixo de uma educação para o trabalho para uma educação para a vida (SILVA, 2012, p.45).

Brandão (2002), no campo da educação, afirma que a partir da consideração de que a educação deve ser para a vida, ela se torna, portanto, um

projeto para a vida toda. Ela é um ciclo do desenvolvimento e por isso é também cidadã e política. Ela se destina a “formar pessoas capazes de viverem a busca de realização plena de seus direitos humanos no mesmo processo de consciência crítica e de prática reflexiva com que se sentem convocadas ao dever cidadão” (BRANDÃO, 2002, p. 78).

Para Boff (2008), o cuidado é muito mais que um ato, é uma atitude e, desse modo, ultrapassa um mero momento de atenção, mas revela um tempo de ocupação, preocupação, responsabilidade, o que requer um grande envolvimento com o outro. Heidegger (2005), em *Ser e Tempo*, utiliza expressão cuidado rememorando que seu significado vem do latim “cura”, antes escrito “coera” e era utilizado em contextos de amor e amizade. Em uma pesquisa que desenvolvi em 2012 (SILVA, 2012), refleti sobre o que denominei de *pedagogia do cuidado*, entendendo-a como a promoção de espaços onde as pessoas possam individual e coletivamente se desenvolver, se perguntar, se confrontar, se cuidar.

30

Diferente da pesquisa desenvolvida em 2012, cujo objetivo era verificar estes processos pedagógicos e de transformação social a partir da ótica do cuidado, conscientização e educação popular, tal como propõe Paulo Freire, neste projeto a pretensão é discutir o cuidado a partir das práticas e dinâmicas de socialização e educação dos filhos e filhas das mulheres que exercem a prostituição de baixa renda.

Neste sentido, a tese de Portela (2014), intitulada: *Convivendo com a deficiência intelectual: percursos de cuidado e educação nas redes parental e social de apoio*, defendida no Programa de Pós -Graduação em Educação e Contemporaneidade, UNEB, pode contribuir nesta pesquisa na medida em que discute as categorias: cuidado, socialização e educação. O objetivo da pesquisa de Portela (2014) foi analisar as estratégias de cuidado elaboradas e experienciadas pelas famílias diante da necessidade de cuidar, educar e socializar filhos (as) com deficiência intelectual. Segundo esta autora, “a noção de cuidado implica o vínculo afetivo, emotivo e sentimental das pessoas envolvidas e supõe uma relação entre aquele que oferece cuidado e aquele que o recebe, sugerindo uma lógica de reciprocidade” (PORTELA, 2014, p. 137).

No que tange à socialização, Berger (1975) afirma que desde o início da

vida a criança desenvolve uma interação não apenas com o corpo, mas também com o ambiente físico e com outras pessoas. Desse modo, aquilo que denominamos de biografia do indivíduo, desde o nascimento, é a “história de suas relações com outras pessoas” (p.200).

A experiência social não constitui categoria isolada. Quase todas as facetas do mundo da criança estão ligadas a outros seres humanos. Sua experiência relativa aos outros indivíduos constitui o ponto crucial de toda experiência. São os outros que criam padrões por meio dos quais realizam as experiências (BERGER, p. 201).

Para Berger e Berger (1975), o processo por meio do qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade é designado pelo nome de socialização. Tal processo ocorre por meio do estabelecimento de padrões sociais que constroem a conduta individual. O citado autor aponta algumas etapas neste processo: processo de iniciação à socialização, transmissão de significados por meio da linguagem, processo de configuração e moldagem e o estabelecimento de alguns limites da socialização. Como ocorre a socialização então? Segundo Berger (1975), ela ocorre por meio de interação e identificação com os outros. No processo inicial da socialização a criança adota atitudes que observa dos outros, significando-as e dando sentidos. À medida que a socialização vai se configurando a criança percebe e compreende que as atitudes fazem parte de um cenário mais amplo.

31

A socialização é um processo que não se finda, ou seja, ela continua por toda a vida. Para os sociólogos, a socialização pode ser entendida como primária e secundária. Na primeira, a criança vivencia um processo pelo qual se torna participante da sociedade. Na segunda, o indivíduo é introduzido em mundo social específico (BERGER e BERGER, 1985). Importante considerar que estes processos de socialização se realizam em constante interação com outras pessoas, assim, a socialização sempre envolve mudanças e transformação no microcosmo. Ao mesmo tempo, estes processos de socialização ligam o indivíduo às estruturas mais complexas do macrocosmo.

Este trabalho se circunscreve, portanto, no campo de estudos em educação, e dialoga com outros referenciais teóricos da Sociologia, da Antropologia e da

Psicologia. Tais referenciais favorecem a compreensão da como um processo de socialização e cuidado que permite às pessoas tornarem-se e constituírem-se sujeitos, em um movimento dialético e dialógico, onde a relação entre as pessoas, no processo de cuidado, educar-se e socializar se é sempre uma relação entre outros, entre mãe/pai (cuidadores) e filhos(as), educador(a) e educandos(as), entre as pessoas e o mundo que o cerca. Favorecem, ainda, uma melhor fundamentação da temática da socialização, família e prostituição, além de contribuir para compreensões sobre cuidado e infância, entendendo o cuidado como a construção de projetos de pessoa (BUSTAMANTE, 2009) que se visualizam nas práticas cotidianas, entremeio às relações entre os sujeitos.

A educação popular, assim como o cuidado, é também um conceito importante neste estudo, por trazer para o debate a perspectiva de educação que concebemos nesta pesquisa. De acordo com Paludo (2008), a busca por condições dignas de vida e a possibilidade de afirmação de identidades tem constituído uma das marcas de participação das classes populares nos movimentos sociais contemporaneamente. Desde o período das Revoluções Liberais Modernas, com destaque a Revolução Francesa visualizamos o envolvimento das classes populares em processos de luta pela igualdade, liberdade e fraternidade. Na América Latina estes movimentos reivindicatórios, desde o campo da educação, apontam a construção e propostas de educação popular.

No Brasil, Paulo Freire desde os anos de 1960 tem apontado a importância de fazer uma leitura da realidade brasileira e latino-americana com vista a iniciar o processo de formulação de uma pedagogia e de práticas educativas populares concretas em distintos contextos e situações. O tema da educação das classes populares, largamente denominadas de oprimidas ou, então, de povo, perpassa e é o centro de sua obra. Na perspectiva deste

autor a expressão educação popular designa a educação feita e construída com o povo, com as pessoas oprimidas ou com as classes populares por meio de uma concepção de educação que ele denomina de: educação libertadora, que é ao mesmo tempo gnosiológica, política, ética e estética (FREIRE, 2020).

No livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, bell hooks coloca em evidência duas questões importantes no campo da educação, de um lado a educação como prática da liberdade e de outro a educação que é construída para a dominação. bell hooks (2019d), ancorada no pensamento de Paulo Freire, acredita que a construção da educação pode ser humanista, antirracista, anti-homofóbica, antissexista e seja capaz de reconhecer as vozes das pessoas, estimulando o senso crítico de si mesmos e da realidade em seu entorno e construam uma prática que liberte as minorias da opressão.

No contexto da América Latina e, particularmente, no Brasil recordamos que na década de 1970 -1980, por exemplo, período marcado pela repressão e ditadura os grupos de mulheres reunidos e formados nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), movimento de mulheres negras foram espaços importantes de luta e conscientização. Nestes espaços, as mulheres se reuniam para falar de suas realidades e para reivindicar acesso aos mais diversos direitos. A importância das feministas negras é de suma relevância neste momento, reivindicando e trazendo para a pauta questões relacionadas a gênero, mas, sobretudo às opressões de raça, classe e os atravessamentos interseccionais deste debate.

Pacheco (2013, p. 40) demonstra como as representações sociais sobre as mulheres negras no cenário baiano e brasileira “ordenam as vidas e afetividades” desses sujeitos. No processo de construção deste estudo, constata-se uma orientação teórico-metodológica onde os conceitos raça, cor, gênero, classe e geração são articulados e assim, a autora retoma, dentre outras questões, a importância do movimento de mulheres negras no campo de disputas dos feminismos. Retomando autoras como Butler, 1990; Haraway, 1995; Bairros, 1995, afirmam:

A década de 1980 foi um marco na resignificação do lugar das mulheres negras. Intelectuais e ativistas do feminismo negro no contexto norte americano questionaram a primazia das categorias “mulher”, “homem e mulher”, “masculino e feminino” como entidades universais e duais, criticaram a homogeneização da categoria mulher branca, de classe média e heterossexual, assim como os gays reclamavam suas invisibilidades nas formulações das teorias do feminismo e nas agendas políticas desses movimentos.

No Brasil, referências como Sueli Carneiro, Luiza Bairros, Lélia Gonzalez dentre outras intelectuais negras apontam a importância do movimento de mulheres denunciando a

ausência das mulheres negras nas agendas políticas desse movimento. Nestes espaços, os tipos de educação, que seja popular e transformadora foram e têm sido uma ferramenta importante no processo de conscientização e luta emancipadora.

A partir da perspectiva do processo de conscientização, bell hooks delinea a educação feminista para uma consciência crítica como urgente e necessária. Através dos grupos em distintos contextos, as mulheres foram as primeiras a começar a falar e a criar uma teoria feminista que analisava a realidade e buscava tecer estratégias de transformação. Aos poucos, o pensamento feminista e a teoria feminista transmitida “boca a boca” e posteriormente publicada foram se tornando o local de disseminação do pensamento feminista. Esta transmissão se efetiva por meio dos movimentos sociais, como espaços coletivos de elaboração e construção de estratégias de enfrentamento. Segundo Gomes (2020), os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra hegemônicos da sociedade.

Neste estudo tem grande relevância considerar alguns destes grupos populares, por ser a partir destes referenciais que nossos conceitos e aportes teóricos ganham sentido. A primeira experiência refere-se aos grupos de mulheres das Comunidades Eclesiais de Base com referenciais como Ivone Gebara, por ser esta a primeira experiência e lugar onde a autora deste estudo pôde experimentar um tipo de movimento social e educação popular. O movimento de mulheres das classes populares, que por meio dos estudos bíblicos contestam a hegemonia dos saberes e experiências religiosas *kiriarcas*⁶. *Kiriarchi*, aqui compreendida a partir da perspectiva concebida pela teóloga feminista Elisabeth Schussler Fiorenza⁷, como a tendência humana para dominar os outros, tendência que cria sistemas complexos e hierárquicos formados por sistemas intercalados e multiplicadores de estruturas sociais de super e subordinação (BLANCHETTE, SILVA e CAMARGO, 2014, p. 175). Recordo-me que ao participar dos grupos de estudos bíblicos com ênfase na perspectiva feminista e libertadora aprendi a duvidar e questionar o que estava por detrás daqueles textos considerados “sagrados” por meio da “hermenêutica da suspeita”. Esta experiência nos ensinou, a mim e a outras companheiras de comunidades pobres a importância de um

⁶ *Kyrios* significa Senhor em grego, e a partir do momento que grupos de mulheres se utilizam deste método promovem e criam processos de conscientização e resistência, desenvolvendo assim visões alternativas a fim de desconstruir, desmascarar e rejeitar a política Kyriocêntrica do texto canônico.

⁷ Segundo Fiorenza, é preciso romper o silêncio que, por exemplo, os textos bíblicos apresentam em relação às mulheres. É preciso encontrar caminhos de libertação, caminhos de rompimento deste silêncio. Desse modo, para traduzir o silêncio em significado, é preciso distância crítica da tradição e também imersão nela.

34

movimento educativo onde a transformação das estruturas era mais que necessárias, era urgente.

A segunda experiência tem sido a de encontrar no movimento de Trabalhadoras Sexuais um espaço para romper por meio do engajamento no movimento e de seus espaços educativos com uma visão dualista e dicotômica acerca da sexualidade. Sousa (2014) tem apontado que o movimento organizado de prostituta tem utilizado a estratégia de desvelar o estigma e a discriminação que historicamente tem recaído sobre as Trabalhadoras Sexuais. Assim, o processo de luta e organização destas trabalhadoras, iniciada no Brasil desde o final dos anos de 1970 tem sido também um lugar e expressão do modo como estas trabalhadoras se educam no movimento e constroem agenciamentos. Tendo como pano de fundo o pensamento de Paulo Freire, Sousa (2016) demonstra que pela perspectiva da historicidade e do inacabamento, o ser humano está constantemente se engajando em processos educativos na busca por ser mais. Desse modo,

O campo da educação popular é marcado por essa concepção de educação, a qual traz consigo essa noção de movimento e transcendência que impulsiona a busca por ser mais, num processo contínuo de lançar-se para além do percebido (SOUSA, 2016, p. 113).

À medida que tenho participado e estudado envolvida no Movimento de Trabalhadoras Sexuais, percebo o quanto esta dimensão da educação popular, entendida como lugar de construção de saberes de grupos populares com vistas à transformação da realidade e das situações de opressão, tem sido preponderante. Escuto mulheres como Diana Soares afirmar que foi o movimento que lhe permitiu romper com seus medos e a transformou em uma mulher que ousa reivindicar seus direitos. Uma questão importante e que muito tem me questionado tem sido a

reflexão acerca de como o movimento de trabalhadoras sexuais pode e tem sido um importante movimento no bojo das lutas feministas, para pensar o lugar da sexualidade e primordialmente o lugar dos corpos na história. Estes corpos estão à venda? Que opressões atravessam estas experiências? Que aprendizados os corpos e vivências das trabalhadoras sexuais compartilham com todas as outras pessoas? Estas perguntas me colocam em posição de reconhecer que o corpo na prostituição é o lugar de onde ecoam vozes, muitas vezes sobreviventes. Não se trata do corpo à venda. Mas, do corpo falando, se dizendo e se colocando no mundo. É a resistência ecoando, ecoando, ecoando. Os corpos nas esquinas, nos bares, na praça. Os corpos em movimento, em trans(A)ções, corpos em performances elucidando um modo de vida diverso.

35

Historicamente, os corpos das mulheres negras, por exemplo, têm sido tratados como *animalesco* marcado pela sua objetificação. Nesta perspectiva, Collins (2019) aponta que o pensamento binário tem sustentado as opressões interseccionais, ou seja, os alicerces destas opressões se apoiam em conceitos interdependentes do pensamento binário, em diferenças formadas por oposição, na objetificação e na hierarquia social. O questionamento feito por Collins é justamente aquele que direciona o debate aqui apresentado: como estes corpos considerados “mulas do mundo” encontram forças para fazer frente a objetificação que lhes são colocadas? Esta tem sido uma questão em debate, de um lado um determinado grupo de feministas afirmando que as Trabalhadoras Sexuais têm seus corpos objetificados, de outro, estas trabalhadoras afirmando que desde que sejam adulta e optem por tal trabalho não entendem, tampouco sentem que seus corpos são

objetos. Collins (2019) cita como foram vistas as mulheres do *blues* e resgata vozes de resistência como, por exemplo: Audre Lorde, Ella Surrey, Maria Stewart como mulheres afro-americanas que não se veem como vítimas, mas são, sobretudo *vozes sobreviventes*. As mulheres do *blues* quando cantam a sensualidade e os desejos eróticos das mulheres negras, “são vistas como expressões públicas inapropriadas da sexualidade feminina negra” (COLLINS, 2019, p. 285). Esta autora resgata a partir do pensamento de M. Jacqui Alexander o quanto a agência sexual e autonomia erótica das mulheres representam ameaça

as instituições sociais.

Pacheco (2013) ao tratar da afetividade e solidão da mulher negra aponta a relevância dos fatores racial e de gênero na regulação das escolhas afetivas e para tal retoma o quão é importante neste debate trazer à tona as experiências corporificadas das mulheres negras. A autora apresenta e dialoga com o pensamento de bell hooks (1995) e Lélia González (1979) a fim de demonstrar o quanto as imagens das mulheres negras têm sido vinculadas, quase sempre, à estereótipos de servilismo profissional e sexual.

Recordo-me certa vez em conversa com uma trabalhadora sexual da Ladeira da Montanha. Ela me contara que sofria abusos em sua casa materna por parte do padrasto e sabia, muito bem, que era explorada na casa (bar) onde se encontrava e percebia o modo como os homens a tratavam, mas preferia viver àquela situação e “sobreviver” a ter que enfrentar a situação de violência e violação na casa materna. Aquela conversa me marcou profundamente e me acompanha durante todos estes anos. Aquela mulher é sim uma voz sobrevivente, um corpo sobrevivente, atravessado por diversas opressões e mesmo dentro das ambiguidades destes processos tem encontrado no trabalho sexual a oportunidade de

36

Ser. Outra experiência que tenho escutado por meio das narrativas das Trabalhadoras Sexuais é sobre como o fato de exercerem este trabalho lhes tem permitido ter conhecimento do próprio corpo. Algumas narrativas destas mulheres contam que desconheciam seus corpos e a partir do trabalho sexual tiveram a oportunidade de compreender sua sexualidade, prazeres e dores. Algo antes pouco permitido ou aceito. Os saberes destas trabalhadoras, se compartilhados e acolhidos nos movimentos de mulheres trariam uma grande contribuição para todas as mulheres e para a sociedade com um todo. Quero afirmar desde este relato e do pensamento de Collins (2019) que se de um lado a prostituição tem sido vista como lugar de opressão, as narrativas e experiências também apontam que pode e tem sido também lugar de agenciamento e autonomia das mulheres. Considerar as intersecções que atravessam estas narrativas significa, sobretudo, escutar estas vozes sobreviventes.

A afirmativa das Trabalhadoras Sexuais sobre seus corpos tem sido a de

que estes não estão venda. O que se vende, afirma Fátima Medeiros, são fantasias sexuais e nesta perspectiva Monique Prada enfatiza que neste contexto o que se deve questionar são sobretudo as formas de opressão e exploração que estão presentes neste trabalho. Na medida em que as Trabalhadoras Sexuais “reivindicam o reconhecimento da prostituição voluntária como trabalho e o direito de falar de si e de sua prática, prostitutas têm gerado saberes e conhecimentos que favorecem a problematização da aparente oposição entre movimento feminista e movimento de prostitutas” (SOUSA, 2017, p. 03).

A terceira experiência tem se concretizado mais recentemente, ainda que na verdade ela esteja marcada em mim, há muitos e muitos anos, e vem de longe, bem longe. Trata-se da experiência que fala de minha ancestralidade, de minha negritude ocultada e escondida durante muito tempo, mas presente e persistente em todas as indagações que ainda menina fazia acerca de minha cor, dos direitos negados, das comparações feitas, do racismo disfarçado. Ainda que tivesse alguns contatos e tentativas de aproximações desta minha história foi à entrada no espaço universitário e o lugar de estudante e pesquisadora que me permitiu encontrar o movimento de mulheres negras, lendo, ouvindo e relacionando-me. As autoras das quais tenho me aproximado: bell hooks, Sueli Carneiro, Luiza Bairros. Mas, quero trazer duas figuras importantes: Larissa Reis, uma colega de Mestrado que se tornou uma referência importante, ainda que ela talvez não saiba, de como este processo de reconhecimento de nossa ancestralidade tem sido libertador. Tenho aprendido imensamente observando os movimentos desta jovem e inquietante mulher negra que com sua postura,

37

encanto e força suscitam e resgata a força de nossas ancestrais. A outra mulher que tem me encorajado neste processo desde o mestrado tem sido a professora Ana Cláudia Pacheco. Suas contribuições desde a banca de mestrado, a oportunidade de fazer o Tirocínio Docente, a banca de qualificação do doutorado, além das provocações e o convite para adentrar essa seara nada mais tem sido do que a sabedoria de uma Mulher Preta que me antecede e sabe muito bem qual seu papel neste percurso. Através de Ana Cláudia tenho tido a oportunidade de me aproximar das epistemologias das intelectuais negras. Este caminho tem sido transformador e restaurador.

Sueli Carneiro (2003) aponta que o movimento de mulheres no Brasil é um dos mais respeitados mundialmente e uma referência quando se trata de determinadas temáticas. Esta autora afirma que enegrecer o feminismo tem sido uma expressão utilizada para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Por meio desta expressão busca-se assinalar que identidade branca ocidental e sua formulação clássica feminista tem sido insuficiente para dar conta de integrar as diferentes expressões do feminino em sociedade multirraciais e pluriculturais.

Com essas iniciativas, pôde-se engendrar uma agenda específica que combateu simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero, afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que merge da condição específica do ser mulher, negra, e em geral, pobre. [...]Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos (CARNEIRO, 2003, p. 118).

María Lugones (2019) propõe uma leitura da relação entre o colonizador e colonizado no que se refere a gênero, raça e sexualidade e demonstra que a crítica das mulheres de cor e do Terceiro Mundo ao feminismo universalista e traz para o centro do debate o fato de que a intersecção de raça, classe, sexualidade e gênero vão além das categorias da modernidade. No bojo destas discussões emerge o feminismo latino

americano decolonial questionando de um lado o feminismo hegemônico que têm reproduzido as relações coloniais e por outro, construindo uma teoria política e epistemológica propositiva tecida na América Latina. O feminismo Latino-Americano Decolonial tem suas bases epistêmicas fundadas em diversas experiências: movimentos de mulheres indígenas, afro, feminismo de cor dos Estados Unidos, feminismo antirracista, feminismo autônomo (LUGONES, 2019; CURIEL, 2020). Importante destacar nesta memória e discussão acerca dos feminismos a proposta de Lugones e outras autoras acerca da *colonialidade*. Lugones (2019) utiliza o termo colonialidade seguindo a análise de Aníbal Quijano sobre o sistema capitalista mundial para

Nomear não apenas uma forma de classificar pessoas através de uma *colonialidade* de poder e dos gêneros, mas também para pensar sobre o processo ativo de redução das pessoas, a desumanização que as qualificam para a classificação, o processo de subjetivação, a tentativa de transformar o colonizado em menos que humano (LUGONES, 2019, p. 361).

Neste movimento esta autora se afirma como teórica da resistência e aponta seu interesse no movimento de libertação subjetivo/intersubjetivo que pode ser adaptativo e criativo. Neste sentido, a resistência é esta tensão entre a formação/informação do sujeito e senso mínimo de agência necessária para que a relação de opressão seja também ativa. A colonialidade do gênero é “apenas um ingrediente ativo na história das pessoas que resistem. Quando foco nas pessoas resistentes na dinâmica da diferença colonial, quero revelar o que está escondido” (LUGONES, 2019, p. 364). Tal problematização coloca no debate o quanto o feminismo hegemônico do Norte e do Sul tem reproduzido a lógica da dominação instaurada pelo colonialismo (SARTORE; SANTOS; SILVA, 2015). Esta perspectiva epistêmica evidencia a tarefa do feminismo Latino-Americano Decolonial considerando que as necessidades das mulheres latino-americanas não são as mesmas das mulheres europeias e estadunidenses.

Ao lado do tema da prostituição, este estudo ampara-se nos conceitos de cuidado e educação popular em articulação com a perspectiva dos movimentos sociais (movimento de grupos populares/CEBS, movimento de trabalhadoras sexuais, movimento de mulheres negras). Diversos estudos sobre a prostituição têm sido realizados no Brasil, principalmente nos campos da Antropologia, Sociologia e Psicologia, sendo, portanto, construídas diversas análises e posicionamentos. Estas têm possibilitado repensar esta prática social a partir das narrativas e contextos dos sujeitos que integram e compõem este cenário. Neste sentido, as definições acerca da prostituição na contemporaneidade têm buscado incluir nomenclaturas que considerem os diversos atores presentes nesta prática.

Diante da diversidade de estudos sobre a prostituição, verifica-se uma lacuna no que tange a compreensão deste fenômeno social a partir do campo da educação. Muitos dos trabalhos realizados estão atrelados às estratégias educativas com mulheres que exercem a prostituição desde a prática de instituições que desenvolvem ações com este público, como por exemplo, saberes relacionados ao campo da saúde, à exploração sexual de crianças e adolescentes, tráfico de pessoas e violações de direitos. Dentre os trabalhos realizados, destacamos a pesquisa de Sousa (2007, 2012) por pesquisar os saberes das mulheres no contexto da prostituição, saberes construídos entre mulheres e entre elas e seus clientes

neste cenário. Em pesquisa anterior (SILVA, 2016) busquei compreender de que forma foram sendo construídos estes saberes a partir da vida na *batalha*, não apenas por meio da relação mulheres-clientes, mas considerando as narrativas e trajetórias de vida das mulheres, sua relação e interação na *batalha*, o que envolve uma série de outras relações para além-mulheres – clientes, ou seja, envolve sua interação em um contexto mais amplo.

Na perspectiva de Piscitelli (2005), a prostituição envolve uma diversidade de trabalhos sexuais. Assim, as definições e correntes que têm buscado conceituá-la contribuem pouco para pensar os diversos tipos de relações e inserção que a compõem. Existe, portanto, um jogo de oferta e demanda de sexo e sensualidade que perpassado pela mercantilização, não necessariamente assume a “forma de contrato explícito de intercâmbio entre sexo e dinheiro” (PISCITELLI, p.08). Desse modo,

A prostituição é uma prática social complexa que está ligada à economia, ao trabalho, à sexualidade, à moral e às relações de gênero. Compreender a complexidade dessa prática implica reconhecê-la como atividade multifacetada composta por fatores sociais, econômicos, culturais e pessoais que inviabilizam a construção de um modelo explicativo homogêneo, rígido e estático sobre a mesma (SOUSA, 2007, p. 23).

Os processos de inserção, permanência, deslocamentos, socialização e educação (construção de saberes) vivenciadas pelas mulheres nesta prática as constituem como sujeitos e mulheres em toda sua integralidade. Assim, “estar na rua”, por exemplo, “produz corpos com saberes e sensibilidades diferenciais” (OLIVAR, 2010, p. 189). Neste lócus, as mulheres constroem a si mesmas, estabelecem sentidos e modos de vida, gestam relações (familiares, sociais, culturais), garantem sua sustentabilidade e de seus familiares, fazem-se e se constituem sujeitos e agentes de suas histórias.

O entendimento do que seja socialização e/ou dinâmicas socializadoras tem relevância nesta pesquisa, na medida em que pode ser um aporte teórico que possibilite entender e compreender como se dão estes processos a partir da prática da prostituição, e mais especificamente, a partir da vivência, cuidado e educação dos filhos e filhas das mulheres da *batalha*.

De acordo com os estudos clássicos da sociologia da educação, dois espaços são verificados como espaços de socialização tradicionais: a família e a

escola. Muitos dos trabalhos desenvolvidos nesta área, no que se refere ao tema da socialização têm como paradigma Émile Durkheim (1967) e, mais recentemente, Peter Berger (2003) e Thomas Luckmann (2003). Émile Durkheim (1922, 1950) forjou o conceito de socialização em sociologia, segundo ele, a autonomia do agir era tratada como um déficit para a vida

40

organizada em sociedade, à qual os indivíduos deveriam estar integrados, uma vez que estes incorporavam os saberes e normas sociais vigentes por intermédios de outros indivíduos já “socializados” (GRIGOROWITSCHS, 2008). Para Simmel (1900) e Weber (1905-1920), a autonomia individual era considerada como um valor cultural, ou seja, uma modalidade moderna de condução da vida de forma racional e motivada internamente.

Depois de Simmel, outros autores também trabalharam o conceito de socialização, como por exemplo, Meada (1934), Piaget (1975), Habermas (1973), Lúmen (1987). Assim como Simmel, estes autores afirmam que os processos de socialização se constituem de interações, ou seja, os conceitos, valores, autoconceitos e estruturas individuais de personalidade se desenvolvem de maneira dinâmica seguindo a lógica de transformações ligadas às práticas sociais que ocorrem desde a infância (GRIGOROWITSCHS, 2008).

No entendimento de Simmel (2006), socialização significa processos sociais, que pensados no plural, designam e expressam o caráter de mobilidade e dinâmica das interações sociais. O mundo social é então tido por um conjunto de relações, um todo relacional, relações em processo. Desse modo, “tomando por base as categorias sociológicas, defino então a sociabilidade como a forma lúdica de associação, e – *mutatis mutandis* – algo cuja concretude comporta da mesma maneira como a obra de arte se relaciona com a realidade” (SIMMEL, p.65).

Semelhante é o processo de socialização para as crianças. Os processos de socialização na infância, de um ponto de vista sociológico, são permeados pela participação delas em várias modalidades de interações sociais, que variam cultural e historicamente. Nestes processos de socialização infantil, constituídos por interações, as crianças se socializam e aprendem nas diversas relações estabelecidas com os pares e com os adultos. Segundo Grigorowuitschs (2008, p. 43), para se compreender as especificidades dos processos de socialização na

infância é necessário compreender o modo pelo qual as crianças desenvolvem seu *self*, suas identidades individuais e o papel do “outro” nestes processos.

No campo da psicologia, as questões relacionadas à socialização são estudadas nos contextos da psicologia do desenvolvimento e da personalidade. Os trabalhos de Georg Mead (1972) e de Lorenzer (1976), embora tenham enfoques distintos, acentuam a socialização como o cerne da psicologia. No campo da educação, se observa uma preferência dos educadores pela chamada socialização secundária. Entretanto, na prática,

41

não é compreensível o não reconhecimento da dependência entre a socialização secundária e a primária.

Bustamante (2009) se utiliza do conceito de cuidado para falar da construção de projetos de pessoa que se expressam em práticas cotidianas. Seu trabalho se inspira em Ayres (2001), para quem o “cuidado” é entendido como a construção de projetos de felicidade que visem o bem estar do sujeito que recebe o cuidado. Para a autora, no entanto, “o cuidado infantil envolve a construção de projetos de pessoa, que podem estar relacionados com múltiplos interesses- não apenas com o sucesso prático – de cuidadores ocupando distintas posições dentro do espaço social” (AYRES, p.17).

A família tem sido primordialmente um dos espaços de socialização, educação e cuidado de crianças e adolescentes. Os muitos estudos sobre o tema têm mostrado que existe uma pluralidade de arranjos residenciais e de formas de se organizar o parentesco, dos quais a família conjugal, por exemplo, é apenas um dos modelos que se concretizam na prática (FONSECA, 2003).

Os tipos de interações estabelecidas e as trocas efetuadas entre os membros das famílias e entre estes e a rede de parentesco mais ampla se constituem estratégia adotadas para garantir a estrutura familiar. As interações existentes entre a família ou em um grupo doméstico e as diversas formas de solidariedade e entreajuda daí então originadas são interligadas à conjuntura material e objetiva à qual pertencem. Somado a isso, tem-se também a questão dos valores e dos princípios culturais, os quais se encontram em constante adaptação às transformações ocorridas no contexto social (PORTELA, 2014, p.45).

Na perspectiva de Sarti (2008), a década de 1960 é uma referência mundial no que tange a história recente da família. Entre os vários marcadores das transformações da família, encontramos o advento da pílula anticoncepcional feminina. Desde essa época, muitas mulheres começaram a se inserir no mundo público do trabalho aliando a maternidade às funções domésticas. Nas sociedades modernas, o modelo normativo de família não abarca o conjunto de grupos familiares existentes na sociedade. Bacelar (1982) aponta a família como um fenômeno transcultural verificável em todas as sociedades. Assim, o autor, entende que a família possui elementos essenciais pertinentes a todo e qualquer agrupamento humano.

A partir de estudo feito sobre a família da prostituta Bacelar (1982) aponta que assim como as outras que se desviam do modelo normativo, permanece o caráter primitivo

42

do elemento de parentesco, ou seja, a proibição do incesto, a relação de consanguinidade e de filiação, relação de aliança, com ou sem casamento. O autor ancora-se na perspectiva de Lévi-Strauss para o qual o parentesco não é um fenômeno estático. Assim,

O “sistema de parentesco” apresenta duas ordens diferentes de realidade. Uma, o sistema terminológico, onde alguém é entendido como mãe, pai, avô; e o outro, um sistema de atitudes, onde os indivíduos ou as classes de indivíduos que utilizam os termos se sentem, ou não “obrigados, uns em relação aos outros, a uma conduta determinada: respeito ou familiaridade, afeição ou hostilidade” (BACELAR, p. 29).

Para Bacelar (1982), de modo geral, as famílias que se desviam do modelo normativo vigente, como é o caso da prostituição, mantêm o modelo e sistema de parentesco vigente na sociedade. Os processos culturais, sociais e econômicos, o sistema de atitudes não reflete automaticamente a nomenclatura, mas uma relação de interdependência. No caso da prostituição, “o caráter primordial de parentesco é exigir como condição de existência o relacionamento entre os termos que irão constituir as unidades significativas ou famílias elementares” (BACELAR, p. 29). O autor enfatiza ainda que a criança é indispensável neste contexto, para atestar o caráter dinâmico e teleológico do procedimento que funda o parentesco na e através da aliança.

Côrrea (1981) enfatiza que a história das formas de organização familiar no Brasil tem mostrado a história de um determinado tipo de organização familiar, a chamada família patriarcal, um modelo onde existe certa fixação quanto aos personagens e funções desempenhados. Este tipo de modelo da família patriarcal tem sido criticado como restrita e não permite abranger outros segmentos sociais (DURHAN,1982). Por isso, esta autora considera importante distinguir entre família, sistema de parentesco, grupo doméstico e unidade residencial. Nesta definição, família são grupos sociais que se estruturam por meio de afinidade, descendência e consanguinidade constituídas como unidade de reprodução humana. O parentesco por sua vez, refere-se ao modo como as relações de afinidade, descendência e consanguinidade são ordenadas e reguladas. Estas relações entre as famílias determinam as formas de herança e sucessão. Assim sendo, as unidades de reprodução, as famílias que se constituem são, ao menos parcialmente, como grupos domésticos e residenciais (DURHAN, 1982, p. 32).

Ao longo desta pesquisa as temáticas que circundam o estudo se entrelaçam de tal modo, que ora vemos os filhos filhas e ora encontramos as mães, em outros momentos, no entanto, visualizamos os pais, padrastos, avós, outras figuras importantes nesta teia familiar. Os objetos da casa, da rua, os espaços, o corredor e as conexões vão sendo

43

engendradas sem que possamos ter uma meta final ou um resultado definitivo. Mesmo diante do desafio de pesquisar sobre histórias de famílias que envolvem a realidade das Trabalhadoras Sexuais estamos diante de tramas que estão sendo gestadas e construídas. Há dores e perdão, afetos, desafetos, gratidão, ternura e uma busca feroz em posicionar-se dentro desta rede.

Paulo Freire (2000) em *Pedagogia da Indignação* fala de como o nosso estar no mundo implica em um processo de correr riscos, a educação nessa perspectiva impulsiona a saídas e ao risco. Em uma pesquisa onde a educação é o elemento central e, portanto o instrumento que permite alinhar as costuras aqui tecidas, escutar as histórias, reconhecendo meu lugar de pesquisadora, de mulher negra, de mãe, significa também assumir uma postura de quem se posiciona na história, assume riscos. Nas palavras de Freire (2000):

...o risco é um ingrediente necessário à mobilidade sem a qual não há cultura nem história. Daí a importância de uma educação que, em lugar de

procurar negar o risco, estimule mulheres e homens a assumi-lo. É assumindo o risco, sua inevitabilidade, que me preparo ou me torno apto a assumir este risco que me desafia agora e a que devo responder. É fundamental que eu saiba não haver experiência humana sem risco, de maior ou de menor perigo (p. 30).

Assumir o risco nesta pesquisa foi em alguns momentos colocar em suspensão minha “maternidade como parada obrigatória” e em outros momentos “fazer esperar a escrita” que além de me convocar me inquietava, foi ainda, e, sobretudo, aprender e (re) aprender com minhas interlocutoras e interlocutores, construir junto este tecer, reconhecer o que significa implicar-se na pesquisa e a responsabilidade em assumir um trabalho coerente com minhas convicções teóricas, éticas e humanas. Diante deste risco, escolho durante esta escrita trazer alguns fragmentos, falas, poemas de Luna Sofia e João Bernardo que foram sendo rabiscados enquanto os ouvia, na medida em que, do lado de dentro da biblioteca de nossa casa os escutava do lado de fora brincando, correndo, chorando, sorrindo ou batendo à minha porta. Estes textos serão apresentados sem a pretensão de ter uma coerência com o texto escrito, mas com objetivo de lembrar-me que, enquanto estudo e descrevo pesquisa, a vida também é escrita e vivida por entre os movimentos que circundam este fazer. Foi graças a estes gritos, sussurros e vozes que pude também aprender a escutar as outras vozes em mim e as outras vozes de meus parceiros e parceiras de pesquisa: meus interlocutores.

44

1.2 A rua: sobre lugares, contextos e geografias

*“Salvador, Bahia
Território africano
Baiano sou eu, é você, somos nós
Uma voz de tambor”*

A rua tem sido para muitas Trabalhadoras Sexuais o lugar de “fazer a vida”. Historicamente, estes sujeitos têm ocupado lugares marginais, feito “pontos” e transversalizado avenidas. Nas esquinas os corpos sensualizados, os movimentos, os olhares. Existe uma conduta e ética própria construída neste cenário, posturas, cuidados e códigos que marcam e atravessam quem circula por estes espaços. Neste sentido, feita a primeira introdução geral deste estudo, é necessário apresentar os caminhos e trilhas percorridas neste processo, as pessoas

encontradas e relações estabelecidas. É preciso ver a cena, enxergar os corpos, perceber os olhares, emoções, sentimentos que emergem dos encontros que esta pesquisa provocou.

Trata-se, portanto, de iniciar uma aproximação dos lugares, contextos, pessoas, lutas, ativismos captados e construídos durante o desenvolvimento da pesquisa. Importante lembrar, que se trata de uma pesquisa que tem história, ela não nasce em 2017 no processo de aprovação do doutorado, antes, ela é continuidade de uma caminhada trilhada na pesquisa do mestrado e, sobretudo, das inquietudes desta pesquisadora acerca da temática da prostituição. Tem sido os encontros com as Trabalhadoras Sexuais, o lugar de expressão e comprometimento do feminismo que acredito. E quando falo de feminismo rememoro com bell hooks o lugar e a memória de onde nascem estas inquietações. Para esta autora, sua consciência da luta feminista foi estimulada por circunstâncias sociais, ela afirma: “por ter crescido num estado do Sul, numa família negra, operária e dominada pela figura paterna, sofri na pele (assim como minha mãe e outras irmãs e irmãos) vários tipos de tirania patriarcal” (HOOKS, 2019b, p. 39). Esta situação a “enchia de raiva” que a levou a questionar a política da dominação masculina e a fez contestar a socialização sexista. De acordo com bell hooks, para muitas mulheres brancas o questionamento da dominação masculina surge quando estas participando do movimento feminista conscientizam-se de que podem se erguer.

A leitura da obra de bell hooks fez ecoar em mim alguns pontos de conexão. Primeiro, um feminismo resistente que nasce do questionamento de todas as opressões, incompreendidas por mim, durante muito tempo; em seguida pela aproximação de um feminismo popular nascido da convivência com grupos de mulheres participantes das

45

Comunidades Eclesiais de Base, e por fim de minha aproximação das mulheres engajadas em movimentos, sejam elas mulheres pretas ou mulheres Putas (são as minhas referências). A partir destas perspectivas considero apontar neste momento o lugar da rua, e em particular a Praça como um lugar de encontro. Esta pesquisa é também uma expressão dos encontros que tenho tido a oportunidade de vivenciar, em particular: a Praça da Sé, no Centro Histórico de Salvador. Parte

significativa dos encontros e interlocuções deste estudo aconteceu na Praça da Sé, primeiro porque 05 de minhas interlocutoras batalham, batalharam ou exercem seu ativismo neste local, segundo, porque, foi na Praça da Sé que há anos desenvolvi o trabalho de educadora social. A pesquisa do mestrado fala deste lugar e deste cenário.

Fátima Medeiros, fundadora da APROSBA e uma de minhas interlocutoras neste estudo costuma dizer: “*A rua é nossa, a Praça é nossa*” referindo-se ao momento em que na década de 1990 onde ela e outras Trabalhadoras Sexuais reivindicaram o direito de permanecer na Praça da Sé, quando a cidade passava pelo processo de revitalização e havia a proposta de retirá-las desta Praça. Naquele momento, nasce a APROSBA. Esta Associação faz parte do movimento de prostitutas no Brasil e na Bahia tem protagonizado desde este período o debate em torno dos direitos das prostitutas. Esta questão tem sido no Brasil, quando se trata da realidade das prostitutas, em particular nos Centros Urbanos, tratada como um problema. Desse modo, em Salvador/BA e em outros contextos urbanos as prostitutas e outros grupos sociais, historicamente, estigmatizados têm sofrido os impactos de processos de higienização e expulsão dos espaços urbanos. Neste contexto a APROSBA tem construído uma história de resistência e de luta pelo direito à rua e à cidade.

Ramos (2019) na obra intitulada: *Mulheres, direito à cidade e estigmas de gênero: a segregação urbana da prostituição em Campinas*, fruto de sua tese de doutorado, apresenta um estudo sobre a questão da prostituição em Campinas, realizando um mapeamento da prostituição da cidade; a reconstrução da história de formação do bairro de prostituição Jardim Itatinga e sistematiza a história de resistência e luta das prostitutas no centro da cidade. A autora nos mostra o processo de segregação e negociações com as diversas redes de sociabilidade naquele contexto e como as Trabalhadoras Sexuais são estigmatizadas e violentadas neste processo. Ramos apresenta também, de modo brilhante, que a partir do diálogo com as Trabalhadoras Sexuais, pôde perceber um movimento de luta e resistência

46

destas trabalhadoras em relação ao modo como a cidade tenta a todo custo expulsar as prostitutas de determinados locais.

Nas décadas de 1960/80 os centros tradicionais de diversas cidades brasileiras começaram a perder a centralidade e assim com o avanço do sistema rodoviário de circulação muitas pessoas passaram a residir fora das áreas centrais. Em Salvador, o Centro Histórico, desde os finais dos anos de 1960, tem sido alvo de projetos e proposta de intervenção com o objetivo de revitalização, preservação e valorização. Na década de 1970, Gey Espinheira nos mostra em *Divergência e Prostituição* a zona do Maciel, localizado entre o Terreiro de Jesus e o Largo do Pelourinho, como um dos pontos de prostituição com presença expressiva de Trabalhadoras Sexuais. Espinheira demonstra que as mudanças econômicas, sociais e políticas ocorridas, principalmente, a partir da segunda metade do século XIX abalou a estrutura da sociedade colonial escravagista. O Pelourinho foi aos poucos sendo abandonado pelos moradores originais que detinham maiores posses e assim, pessoas com condições econômicas mais baixa substituíram e constituíram os novos moradores do Pelourinho.

Nos primeiros anos do século XX, restava apenas a imponência arquitetônica dos prédios como marco de uma civilização que pertencia ao passado. Cores desbotadas, paredes, soalhos e telhados estragados; o tempo e a utilização inadequada aceleraram a deterioração dos velhos sobrados coloniais (ESPINHEIRA, 1984, p. 81-81)

O Maciel começou a ser isolado e uma imagem deste local como perigoso passou a vigorar. Aos poucos, a Praça da Sé vai se tornando um dos pontos onde a prostituição está presente. Todo este processo está intimamente ligado às mudanças arquitetônicas, políticas e sociais do Centro Histórico. As intervenções que acontecem na década de 1990 e pelas quais a APROSBA luta e demarca os direitos das trabalhadoras sexuais, está ligada a um processo de intervenções urbanísticas de longa data. Segundo Sant'Ana (2017), o projeto de intervenção, qualificação e valorização do Centro Histórico na década de 1990 é uma espécie de redescoberta do patrimônio urbano. Desde 1969, a remoção da população pobre com o objetivo de dinamizar a economia do Pelourinho já estava em voga.

Apesar dos investimentos públicos feitos ao longo de mais de vinte anos e que, bem ou mal, abriram caminho para sua apropriação como um centro turístico e cultural, no início dos anos 90, a situação do centro histórico continuava mais ou menos a mesma do final dos anos 60. Um forte movimento cultural negro animava e dava vida ao lugar, mas a deterioração física e social de áreas como Maciel, Passo, Saldanha e trechos da Barroquinha era profundas (SANT'ANA, 2017, p. 45)

O Programa de Recuperação do Centro Histórico de Salvador estava fortemente ligado ao contexto político daquele momento, de um lado a estratégia de marketing da administração estadual com o propósito de construir uma imagem de governo ancorada na valorização da identidade cultural e das tradições da Bahia, e de outro, a tentativa de elevar a competitividade em termos de turismo diante do contexto nacional e internacional (Sant'Ana, 2017).

Pinho (1999) discute e apresenta o Pelourinho como uma paisagem, *lócus* e práticas sociais que a partir de um conjunto de elementos compreende ao que o autor chama de “ideia de Bahia”. Esta “ideia” é caracterizada por um *corpus* ideológico que possibilita a definição do que seja a identidade regional de tal maneira que reatualiza o mito da democracia racial. O autor resgata perspectiva do Pelourinho como “paisagem de poder”, mostrando como Salvador tem se configurado em uma das praças principais do turismo brasileiro e para tal nos apresenta o processo pelo qual este cenário passa por intervenções urbanísticas.

Em 1993, o Pelourinho, inclusive como resultado deste crescimento, sofreu maciça intervenção (investimentos da ordem de, aproximadamente, 30 milhões de dólares) no sentido de encontrar-se com sua presumida vocação de pólo turístico, vocação legitimada década após década. A partir dos anos trinta deste século, em consonância com a sua constituição como espaço da memória fundamental de uma Salvador senhorial e originária. Acredito ser muito simples encontrar pontos de comunicação evidentes entre a produção do Pelourinho como patrimônio cultural - representação de uma leitura determinada e mais ou menos arbitrária da história e do significado de pertencimento local - e como pólo turístico (PINHO, 1999, p. 261).

Segundo os documentos locais, o Centro Histórico por meio da imagem simbólica do Pelourinho constrói uma representação da cidade de Salvador e da “ideia de Bahia”. Desde a década de 1980, muitos estudos, não admitiam dissociar a recuperação do Centro Histórico de Salvador de políticas de promoção social para a população residente. Neste mesmo período começa a convergir uma definição do Pelourinho como espaço cultural, político e econômico de Salvador. Neste processo denominado de “reafricanização”, o Pelourinho vai se tornando uma referência para a “negritude” baiana (PINHO, 1999).

As mudanças ocorridas no Centro Histórico desde a década de 1990 resultando na expulsão de mais de 10.000 habitantes em menos de 10 anos marcou profundamente a Bahia com um processo autoritário e injusto.

Recordo-me muito bem, no período do mestrado e mesmo antes quando atuava como educadora social naquele contexto, várias Trabalhadoras Sexuais e residentes expressar sua indignação diante deste contexto. Manu e

48

Eliana, duas de minhas interlocutoras e residentes do Centro Histórico contam sobre este momento: “*eles queriam tirar a gente dali de qualquer jeito, mas eu não saio*”, diz Manu. Nascida e criada no pelourinho ela tem este local como sua referência de vida, pois, ali se encontram seus familiares, amigos, trabalho e, sobretudo sua história. Manu sempre fala do Pelô como lugar de resistência e o quanto ela se orgulha disto, de como gostaria e luta para que seus filhos tenham direito de viver nesta localidade. No período de revitalização do Centro Histórico ela esteve totalmente inserida nos processos de organização da Associação de moradores local. No período do Mestrado, redigi o seguinte fragmento no Diário de Campo:

A Praça da Sé, ponto de passagem de todos que querem ir ao Pelourinho é certamente um ponto que representa diversos pontos. Na diversidade de gente que circula neste lugar, pessoas curiosas, turistas, transeuntes... Na diversidade de gente que permanece cotidianamente neste espaço: mulheres, crianças, vendedores, policiais, donos de lojas e estabelecimentos, a vida se inventa a todo momento [...]. A Praça é um ponto intenso de circulação de pessoas que transitam no Centro Histórico. Para chegar ao Pelourinho as pessoas devem passar pela Praça da Sé. O que muitas pessoas não percebem é que nestes bancos encontram-se muitas mulheres da batalha e possíveis clientes. Na verdade, esta é uma percepção de quem não conhece o ponto e é um relato constante de muitas pessoas que até mesmo são soteropolitanos. No entanto, para quem circula neste ambiente cotidianamente sabe que o cenário se mistura e que este é um lugar diverso (Diário de Campo, 07 de julho de 2015).

Neste lugar de transição e movimento que é a Praça da Sé, encontrei também Fátima Medeiros falando das lutas e dos direitos das Trabalhadoras Sexuais. Na Praça da Sé, a construção do movimento de Putas e do ativismo cotidiano. Na Praça, escutei e vivenciei diversas experiências de desvelamento da realidade. O lugar por onde transitam diversas pessoas, vindas de diversos lugares do mundo, o cenário propício para o turismo é também o lugar da cotidianidade, da comida caseira preparada e compartilhada, das rodas de capoeira, dos corpos em transe, em dança, dos corpos feitos de “correria”.

O Centro Histórico de Salvador, o Pelourinho em particular, guarda e

transborda uma história de luta e resistência do povo negro. Manu e Eliana reivindicam esta memória quando ensinam as suas filhas a importância da Praça da Sé, quando dançam com o Olodum e protagonizam performances regadas a boas gargalhadas e alegria. Sentada no banco da Praça da Sé, Eliana carrega seu “radinho” e através dele junto com as colegas de trabalho dançam e se divertem enquanto observam as pessoas indo e vindo. Por várias vezes quando me dirigia à Praça da Sé ficava parada do outro lado rua, vendo e me deixando tomar por aquele movimento de resistência de quem não está inscrita em um

49

movimento feminista específico, mas, que faz acontecer o feminismo na vida real. Collins (2019), afirma que as intelectuais negras não são necessariamente aquelas que de dentro da academia desenvolvem o pensamento feminista negro, porém, se pode perceber que ao longo da história, grande parte da tradição intelectual das mulheres negras aconteceu e acontece fora de espaços institucionalizados. Manu e Eliana representam as muitas mulheres negras deste país que assim como Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Ana Cláudia Pacheco, Larissa Reis são intelectuais reivindicando a partir do ativismo de mulheres negras a desenvolverem diferentes formas de resistência.

*O banco da Praça
Os corpos em movimento
As gentes que vão e vem
Nossas casas: habitações
Nosso trabalho: sustento.*

*No banco da praça: o direito à cidade e as lutas se erguem
Nosso grito e nossas vozes
Nossos corpos invisíveis
Quem somos? Onde estamos?
Quem nos vê?
A cidade nos pertence?*

*A rua é nossa!!!
As ruas e Avenidas: A cidade!!!
Trânsito e Geografias.*

*A rua é nossa!!!
As Vidas: nossas Vidas!!!
Os corpos: Nossos corpos!!!
Trabalhadoras Sexuais
Resistências!!!*

*A rua é nossa, em nós, por nós!
Ocupada, relegada, permeada de atravessamentos e violações.*

*A rua!!!
O Pelô!!!
A cidade!
Intervenções urbanas
Territórios produzidos
Com quem?
Pra quem?*

*A praça.
O banco da praça.
Os hotéis e transeuntes.
Circulação.*

50

*Os corpos
A expulsão.
Higienização.*

*A rua é nossa!
A história de Salvador
A cidade que nos pertence
Em nós, por nós
O espaço tom(b)ado
Na contradição
Em luta
Em movimento
Cidade, rua, APROSBA.*

1.3 A casa: afetos, famílias e relações

*Oxente, cê num' tá vendo
Que a gente é nordeste, cabra da peste?
Sai daí batucador, quem foi seu mestre?
Capoeira?
Se plante, lá vem rasteira, pé de ladeira
Preciso da fé no Senhor do Bonfim
Pra mim, pra você, pra mim*

O dia e a hora especificamente não sei precisar. O momento, no entanto, está gravado em minha memória: era tarde nublada em Belo Horizonte, Minas Gerais. Fui juntamente com uma pessoa que me é muito cara visitar as mulheres da Guaicurus. Eu tinha 19 anos e começava a descobrir o mundo. Subimos as escadas. O movimento era intenso. Muitos homens. Uma procura incessante. Rapidamente. Subindo e descendo. Lá em cima, os quartos e neles as mulheres.

Em cada porta uma delas. Em cada canto um olhar. Som alto. Cheiro forte e intenso. Trocamos olhares. Sem muitas palavras. Tudo aquilo de certa maneira, me envolveu profundamente. Não me recordo dos homens. Hoje, penso que talvez fosse uma defesa. Alguns me olhavam. No entanto, os olhares que me cativaram foram daquelas mulheres. Algumas sorriram, outras fecharam as portas. Nosso objetivo ali era falar de prevenção, entregar preservativos e quem sabe conversar.

Quando enfim, consegui iniciar um diálogo com uma das mulheres, fui puxada por um visitante. Ela rapidamente segurou o meu braço. O homem se afastou. Fiquei paralisada. Tudo foi muito rápido. Ela me fitou e seguiu olhando até que descêssemos as escadas. Pude olhar para traz e lá estava ela me acompanhando. A encontrei em outras visitas. Até que um dia sentamos à sua cama. Isto era sem dúvida sinal de intimidade e proximidade. Naquela tarde, porém, quando descí as escadas, fiquei tonta e cambaleando. Vomitei. Mal sabia, mas ali começava uma longa jornada de desconstrução acerca do que

51

poderia pensar sobre aquelas mulheres e seus modos de viver. E hoje, sei, ali começava uma longa jornada de encontro e afeto, que só tem sido possível quando me permito romper meus próprios preconceitos e moralidades.

Em Salvador encontrei morada, estabeleci laços e firmei os passos. A Praça da Sé, a força feminina das mulheres, as buscas, a distância de casa, dos meus e das minhas junto do desejo de tecer meus próprios caminhos em comunhão com outras mulheres tem me feito ser inquieta mulher a caminho e em movimento. Minha filha Luna Sofia e meu filho João Bernardo são filhos desta terra e me orgulho de poder afirmar que meu coração descansa aqui, assim como se engradece e luta. As ladeiras desta terra, as cores e a ousadia também vieram acompanhadas de algumas experiências que me colocou diante de dores nunca vividas.

Era uma manhã de reunião da equipe quando uma das mulheres nos chama: *“por favor, venham aqui, a carioca foi morta”*. Carioca era uma das mulheres que batalhava na Praça da Sé. Ela havia sido morta por um cliente em um dos hotéis no Centro Histórico e aquela mulher que nos chamava dizia que precisávamos saber onde ela estava. Fomos ao Instituto Médico Legal (IML) para reconhecer o corpo e a mim coube entrar e visualizar o corpo daquela mulher que

era radiante e feliz. Ela adentrava o projeto sempre cantando e brincando. Diante do corpo de Carioca naquele dia, naquele espaço frio, chorei. Chorei uma dor nunca sentida.

Carioca ia ser enterrada como indigente, mas o projeto conseguiu impedir tal situação. Não havia contatos de parentes do Rio de Janeiro, apenas, a filha que também morava em Salvador. Junto de outra colega vestimos seu corpo, colocamos flores e carregamos seu caixão. Quando enfim, a sepultamos, choveu! E de novo chorei. À noite e por alguns dias foi difícil dormir: oscilava a imagem da mulher feliz, a imagem das marcas das facadas que pude ver no IML e o corpo envolto de flores. Por muitas noites chorei. Meu companheiro acompanhou este processo e certamente a sua presença foi muito importante neste momento.

O amor por vezes dói. As violências por vezes deceparam a possibilidade de vidas e de vivências onde o amor e os encontros possam ser dançados. O corpo de Carioca caiu! E junto dele meu corpo esmoreceu. Vi e escutei outras companheiras verem seus corpos esmorecerem de dor às vezes, se não cuidamos sucumbe e nos dilacera. Felizmente, tive ao lado quem pôde me ajudar a não sucumbir. Felizmente, aquele pranto me ensinou que não podia parar. Pela vida de Carioca, resisto. Pela vida de Cariocas resistimos todas!!!

52

Durante o tempo de escrita desta tese tenho revisitado memórias, oscilando entre os lugares da Praça e da Casa. Os encontros e oportunidades de estar com as Trabalhadoras Sexuais tem sido uma oportunidade de tecer um tipo de pesquisa, marcadamente, comprometido com os corpos. No fundo tenho consciência que se trata de um compromisso com minha história, com minha ancestralidade e com toda uma história de luta e resistências das mulheres. Este lugar é também um lugar de fala e a “linguagem é também um lugar de luta” afirma bell hooks (2019a). Para esta autora, no contexto acadêmico, muitas vezes, as palavras tentam esconder as verdades, e neste sentido, ocupar este lugar, desde uma perspectiva da libertação, é também a possibilidade de construir um caminho de liberdade. Neste sentido, se faz necessário “publicar artigos e livros que façam mais do que informar, que testemunhem, que sejam testemunhas da importância da luta, de nosso esforço coletivo para transformar” (HOOKS, 2019a, p. 74).

Para bell hooks, o processo de autorrecuperação trata-se justamente de resgatar as vozes do passado que “falam em e para nós”. Estas vozes foram silenciadas e nosso compromisso e exercício é justamente o de recuperar essa voz coletiva. Esse discurso, a voz libertadora emerge quando o oprimido experimenta a autorrecuperação.

A partir deste exercício recupero a imagem da casa como lugar de afetos, afagos, dores, violações. A casa que traz as memórias e em diálogo com a Praça constroem mundos. Esses mundos tecidos por pessoas neste texto se configuram com a imagem de 15 atores, dentre os quais me encontro. Ao falar da casa, apresento as interlocutoras e atrizes protagonistas deste texto, assim como as outras e outros atores que integram a cena aqui apresentada. Rememorando o modo como pude me aproximar do contexto das Trabalhadoras Sexuais, apresento algumas informações das interlocutoras deste estudo. Mais adiante, estes relatos e informações serão mais elucidados, à medida que o texto vai sendo construído.

Dentre as interlocutoras deste estudo, **Manu** é quem conheço há mais tempo. Conhecemo-nos em 2009 quando cheguei a Salvador e comecei a atuar como educadora social no projeto Força Feminina. Manu é uma mulher negra, nascida e criada no Pelourinho, filha de mãe lavadeira e diarista, têm duas irmãs com quem tem mais proximidade e relação. Sabe que seu pai é um artista residente do Pelourinho, mas não tem relação de afetividade e aproximação. Mãe de quatro filhos, sendo que uma delas vive com outra família. Manu é uma mulher comunicativa, escreve muito bem, amante das palavras. Desde que a conheci, andava sempre com um caderno onde anotava seus poemas,

53

pensamentos e sentimentos. Acompanhei a perda de uma de suas filhas, assim como tenho acompanhado sua luta diária para criar e garantir a educação de seus filhos. Participa ativamente de espaços de luta como, por exemplo, a Associação de moradores do Centro Histórico, Movimento de População de Rua e a luta pela moradia. Incentiva sua filha mais velha a participar de projetos sociais desenvolvidos no Centro Histórico e é muito conhecida pelas pessoas que circulam o Pelô.

Eliana, nascida em Salvador, negra e como ela mesma diz: “*sou filha do*

subúrbio”, vive atualmente no Centro Histórico com sua filha Bia, uma adolescente. Há pouco tempo perdeu seu filho mais velho, que fora morto. Não gosta muito de falar deste assunto. Eliana é uma mulher de palavras certeiras, à primeira vista não permite aproximação. De olhar forte não se entrega na primeira conversa. É preciso tempo para conquistar sua atenção. Conta que não tem relação com sua família, e fora abandonada pelo pai, uma situação que fala com remorso: “*minha família é minha filha, as mulheres aqui da Praça. Oxe, Fernanda, minha família é você também, essa gente que sei que gosta de mim e da minha filha*”. Eliana tem uma guia de vendas⁸ na Praça da Sé e tem uma boa relação com as outras mulheres. De modo geral, as Trabalhadoras Sexuais da Praça da Sé têm muito respeito por ela, recorrendo e pedindo sua ajuda em situações desafiantes.

Tati é uma mulher negra e assim como Manu e Eliana também a conheci na Praça da Sé quando atuava do projeto Força Feminina. De modo geral, Tati se mantém em lugares mais discretos na Praça da Sé. Vindo do interior da Bahia, desde que chegou esteve envolvida, como ela mesma diz: “com as quebrada da 28⁹”, naquele momento, “quando ainda era jovem” seus filhos e filhas foram cuidados por sua mãe. Hoje, ela faz o mesmo papel que sua mãe fizera cuidando dos filhos de suas filhas. A experiência de ter tido vários abortos marca a história de Tati. Sente falta dos estudos e se arrepende de não ter escutado sua mãe quando insistia para que ela estudasse. O trabalho sexual para Tati não é algo relevante, sua aproximação da prostituição se deu em decorrência do uso que fazia de drogas: “*muitas vezes eu ia com cliente para o quarto só para usar os meus baseados mesmo, e acabei indo me prostituir porque tinha que pagar minhas coisas né*”. Tati também é uma mulher muito querida na Praça da Sé. Na verdade, da lembrança que tenho

⁸ Guia é o nome dado à banca de vendas que muitas mulheres e homens têm na Praça da Sé e em outras regiões de Salvador. Consiste em uma banca com água, refrigerantes, doces, balas e outros produtos para a venda.

⁹ A 28 é uma rua localizada no Centro Histórico considerado como ponto de vendas e tráfico de drogas.

desde 2009/2010, Tati, Eliana e Manu estavam sempre próximas e juntas. Em diversos momentos, sentadas na Praça da Sé dei boas gargalhadas das histórias contadas por elas. **Fátima** Medeiros, fundadora da APROSBA e ativista pelos

direitos das Trabalhadoras Sexuais, integrante da Articulação Nacional de Profissionais do Sexo (ANPROSEX). A conheci na Praça da Sé, no período do Mestrado (por volta de 2016/2017). Naquele momento Fátima estava retornando as atividades da APROSBA que ficaram cerca de 07 anos paradas. Desde que nos conhecemos estamos juntas envolvidas em diversas ações do Movimento de Putas. Por meio de Fátima pude me aproximar e conhecer a história do Movimento assim como outras referências e Trabalhadoras Sexuais (TS) que se reconhecem como TS e assumem o ativismo como expressão da luta pelos direitos deste coletivo. Fátima, nascida na Paraíba já transitou em diversos estados brasileiros permanecendo na Bahia há muitos anos onde atualmente vive. Tem duas filhas sendo que durante a pesquisa e por meio do ativismo tive a oportunidade de conhecer mais de perto uma delas: a Carol.

Conheci **Isete** através de Fátima, apesar de ter a impressão de tê-la encontrado antes na Praça da Sé ou projeto Força Feminina. Mãe de quatro filhos, sendo três adultos e uma adolescente. Fundadora da Associação Gabriela, de Camaçari/BA, trabalhadora sexual em Salvador, rendeira e artesã. Tivemos a oportunidade de participar de diversos momentos e encontros da APROSBA no Centro Histórico. Isete é uma mulher muito reflexiva e gosta de medir bem as palavras, pensa antes de falar e se posicionar. Tem um profundo respeito e procura se expressar de modo que além de ser compreendida transmita também uma mensagem de paz para as outras pessoas. Vez por outra me chama pelo *WhatsApp* para conversar e falar de determinado assunto. Nestes momentos, como ela diz, costuma “filosofar” e fala dos filhos, das dificuldades que enfrenta, das questões de saúde, suas e de outras pessoas da família e ainda assim tem um humor invejável. Gosta sempre de apontar e pensar que “tudo vai dar certo” e tem confiança nesta premissa.

Diana Soares. Ah, Diana Soares! Que mulher incrível e solidária. Diana é uma destas mulheres nordestinas que mesmo sentindo dores ou passando necessidade não pensa somente em si. Parte de sua casa é feita de Movimento. Fundadora da ASPRORN. Conheci Diana em Salvador e desde então tivemos a oportunidade de nos encontrar várias vezes. Por estar participando de diversas ações da ANPROSEX mantenho contato quase diário com Diana. Ela se tornou uma amiga próxima, alguém que conta os contratemplos do dia a dia, pergunta e procura saber do meu dia a dia. Tem um carinho especial por meus filhos e não

passa muito tempo sem pedir para ver uma foto e saber como estão crescendo. Os encontros da ASPRORN acontecem em uma parte da casa de Diana, ela separou este espaço para acolher as Trabalhadoras Sexuais de Natal, além de incentivar e apoiar o coletivo *Filhas da Luta*, um coletivo de jovens Trabalhadoras Sexuais, dentre os quais se encontra como liderança uma de suas filhas: Barbie. Quando pude ter a oportunidade de conversar com suas filhas: Lua e Barbie, escutei relatos de como Diana é uma mulher que se preocupa com as outras. Além do mais ao desenvolver o projeto: Fortalecer as Trabalhadoras Sexuais para vencer o COVID-19 tenho tido a oportunidade de vivenciar e perceber este aspecto de Diana. Neste estudo trazer a trajetória e narrativa de Diana significa falar também da história do Movimento de Trabalhadoras Sexuais. Ela em Natal, Fátima em Salvador são algumas das figuras que marcam o modo como o movimento foi sendo construído no Brasil e assim, vamos também reconhecendo além de Gabriela Leite e Lourdes Barreto outras lideranças importantes deste movimento.

Além das entrevistas e diálogos com as Trabalhadoras Sexuais, pude ter a oportunidade de conversar e escutar as narrativas de quatro filhas e um filho adulto de Trabalhadoras Sexuais: as filhas e o filho da Puta. Também foi possível neste processo por meio dos encontros ter aproximação de três filhas adolescentes com as quais mantive o processo de observação, sem realizar alguma entrevista específica. Ao longo do texto, apresentarei as narrativas destas filhas das Putas, assim como, estabelecer interlocuções acerca das problematizações que estes trazem.

1.4 O Movimento deste a ótica do Nordeste Brasileiro

*África iô iô
Salvador, meu amor, a raiz
De todo bem, de tanta fé
Do canto Candomblé*

A história do Movimento de Trabalhadoras Sexuais tem sido contada por figuras como Gabriela Leite e Lourdes Barreto, uma história de Puta Resistência. Neste estudo, quis pelo fato de estar próxima destas trabalhadoras, escutar de outras lideranças a história deste potente Movimento. Estas narrativas se complementam e se enriquecem, pois, trazem facetas diversas de uma história de

autonomia e ousadia. Apresento a narrativa de Diana Soares, trazendo elementos de como o Movimento vai sendo construído na região Norte e Nordeste brasileiro. Verificamos embates, ativismo, engajamento, idas e vindas de um coletivo diverso e heterogêneo.

56

A memória de Gabriela Leite¹⁰, Lourdes Barreto, Rosalina Sampaio, Monique Prada e outras lideranças emergem como sinal de que desde finais dos anos 1970 e até a atualidade diversas trabalhadoras têm se posicionado e falado da grande relevância em se reconhecer os direitos das Trabalhadoras Sexuais, o exercício do trabalho sexual, a apropriação e saberes acerca do corpo, a luta contra estigmatização e preconceitos e sobretudo, a expertise que as Trabalhadoras Sexuais têm quando se trata da saúde, na luta contra o HIV/AIDS e prevenção. As trabalhadoras são também feministas e reivindicam o direito de pautar estas questões no âmbito do pensamento feminista. O Puta Feminismo trata-se de uma *epistême* potente e revolucionária. Ele fala da urgência em construir feminismo antenado com a diversidade de pessoas. Importante destacar que adiante, no desenrolar deste estudo irá aparecer a memória da história de luta das Trabalhadoras Sexuais no Brasil e no mundo. Interessa neste momento, entretanto, escutar Diana Soares, por se tratar de uma de nossas interlocutoras e estar pautado na experiência de encontro desta pesquisadora com ANPROSEX e lideranças que fazem parte desta organização.

Fiquei sabendo da existência da rede, que existiam redes nacionais e eu até então comecei a conhecer e a saber da necessidade de organizar nos Estados ou nas cidades, se organizar como Movimento de Prostitutas, mas eu não entendia muito bem como é que funcionava essa política e estes espaços.

Quando fui a um dos primeiros encontros de prostitutas, eu não tenho certeza, acho que foi no Ceará, em Fortaleza, da APROCE. Lá eu fiquei sabendo que a gente precisava se organizar, sair de dentro do movimento GLS, na época era assim e depois com a luta passou a ser LGBT. Então, lá, através da Rosalina que nos deu conselho: que nós precisávamos sentar e fundar a nossa Associação. E sair de dentro do movimento de gays porque eles sempre iam ficar nos usando. E a gente precisava acessar os projetos, acessar várias outras políticas, várias outras lutas. Foi quando fiquei sabendo que existia a Rede Brasileira de Prostitutas. A Rosalina nos ensinou tudo o que deveríamos fazer para fundar uma

associação, todos os trâmites e a gente foi pra Natal e em Natal a gente se reuniu pra isso. Só que no dia dessa reunião, reunião de fundação da ASPRORN eu não estava

¹⁰ Gabriela Leite foi ativista e Puta feminista, incansável na luta pelos direitos das Trabalhadoras Sexuais. Foi prostituta da Boca do Lixo, zona boêmia em São Paulo, em Belo Horizonte e na Vila Mimosa no Rio de Janeiro. Fundadora da ONG Davida que defende os direitos das prostitutas e a regulamentação da profissão. Juntamente com Lourdes Barreto fundou na década de 1980 o Movimento Nacional de Prostitutas. Gabriela Leite foi também idealizadora da grife Daspu, desenvolvida por prostitutas e cujo nome é uma provocação à Daslu, a maior loja de artigos de luxo do Brasil, pertencente à empresária Eliana Tranchesí. Gabriela morreu em 10 de outubro de 2013 com 62 anos.

57

presente. Eu tive uma discussão com a então primeira presidente. A gente teve uma discussão e eu não fui. Então não posso me considerar uma das fundadoras da ASPRORN porque no momento certo eu não estava. Cheguei já depois de vários dias porque a presidente foi atrás de mim e entrei né. Mas aí já estava tudo formalizado. Na primeira oportunidade eu fui colocada como secretária. Isso já tinha vencido o primeiro mandato e nisso teve primeiro ou segundo encontro nacional de profissionais do sexo, que foi no Rio de Janeiro.

Nós nos encontramos todas. Eu conheci todas as antigas, as antigas do movimento, as que estavam chegando como eu que foi as meninas da Paraíba. Eu acho que a diferença nossa é muito pouco, das nossas associações. Fiquei conhecendo elas, fiquei conhecendo a Fátima. Muitas eu já tinha visto em Fortaleza. Tinha muitas que não tinha associação, eram só os Estados e foi quando foi elaborado a carta de princípios da Rede. Foi lá que eu fiquei sabendo que tinha a Rede Brasileira de Prostituta e que toda associação tinha que se filiar e aquela história toda, pra gente construir as políticas e tudo. Aí eu fui vendo como eram as coisas, engatinhando como aconselhou a Rosalina. Ela dizia: vocês dizem que não sabe de nada, mas vocês vão engatinhando e engatinhando que um dia vocês chegam lá, mas eu juro pra você que até hoje eu tô engatinhando, principalmente nestas questões burocráticas e técnicas.

Os anos foram passando e vem essa história de projeto e eu percebia que a coordenação da Rede, as coisas melhores só quem era privilegiado eram as pessoas que eram coordenadoras. Aí eu fui vendo que a gente precisava, bem o Nordeste estava sempre de fora, sempre perdendo, só pessoal lá do sul, só pra lá, só o pessoal da coordenação, o pessoal que estava mais próximo da Gabriela

Leite era quem conseguia acessar projetos. A não ser quando Gabriela acessava um projeto amplo, tivesse uma amplitude nacional. Era aqui e acolá e algumas de nós eram beneficiadas. Tirando isso a gente só via benefício só para os próprios Estados e Municípios ou então através da Pastoral da Mulher Marginalizada. Então aquilo começou a me incomodar, eu comecei a perceber que a Rede Brasileira de Prostitutas era de prostitutas, mas prostitutas não tinha voz, não tinha vez, era sempre as técnicas e os técnicos. Ai aquilo começou a me incomodar e eu comecei a mobilizar o Nordeste, as colegas do Nordeste e começamos a nos articular para formar uma Articulação do Nordeste. Só que a gente viu que tinha algumas pessoas do Norte que não estava muito feliz com Lourdes Barreto e ai começou. Aí dissemos: vamos fazer o seguinte: vamos fundar a articulação Norte e Nordeste. Aí fomos até mal interpretadas. E

58

a gente se afirmou como uma Articulação Norte e Nordeste porque a gente sempre estava de fora.

Então, a trancos e barrancos fundamos a Articulação Norte e Nordeste e a gente era muito bem, sabe uma articulação muito bonita, mas sempre tinha aquelas coisas que tinha a Rede Nacional e tinha outras regiões somando conosco, né? Ai a gente começou a ver que a gente não era forte o suficiente pra ir para o embate com a Rede Brasileira de Prostitutas porque a maioria era muito tímida pra briga, pra fazer valer sua voz. Então, a gente começou a ver que tinha outras regiões e decidimos fundar uma Rede Nacional.

Muitas organizações estavam fechando as portas, perdendo o interesse de continuar no ativismo, de continuar na luta, porque uma rede sempre está dando um jeito de incentivar né? Dar pelo menos apoio moral. Aconselhando e trazendo ideias novas, essa coisa toda. Aconteceu muito isso dentro da Articulação Nacional, a gente pensou muitas

coisas e levantou um bocado até as redes que estavam fechadas por falta de recursos. Foi quando a Monique Prada chegou ao movimento também e pediu pra entrar na Rede, mas não deu certo. Então foi quando eu conheci a Monique e apresentei a Monique às demais e fomos para Manaus e em Manaus criamos a CUTS, que no caso era pra ser a Articulação Nacional e Monique sugeriu que fosse chamado de CUTS (Central Única de Trabalhadoras Sexuais). A CUTS era

uma forma de nos afirmar como trabalho e ao mesmo tempo provocar as mulheres do PT. E fundamos a CUTS, mas aí quando foi, bem nos intervalos, aí comecei a chamar a Fátima pra entrar na CUTS, foi uma luta, porque ela acreditava que a Rede ia mudar e aquela coisa toda, mas no fim teve algo que a Rede fez contra a Bahia e a gente chegou lá e lutamos pra ela estar presente em um evento internacional. Nós lutamos e conseguimos colocar Fátima nesse evento, coisa que a Rede Brasileira não fez. Então, foi quando Fátima acreditou que era melhor sair da Rede e entrar na CUTS e dentro da CUTS a gente começou a ver que as coisas estavam sendo do mesmo jeito da Rede Brasileira de Prostitutas. Aí foi quando com um ano depois saímos, tivemos uma discussão política muito feia. Começamos a nos articular e fundamos a Articulação Nacional de Profissionais do Sexo, hoje ANPROSEX.

Durante os anos 1990 e 2002, o movimento de prostitutas vai se consolidando. Ocorre a institucionalização dos movimentos de modo que se antes existiam vários movimentos autônomos, agora eles começam a se institucionalizar. Os movimentos de prostitutas foram se aproximando dos movimentos de luta contra a doença e propunham ações conjuntas, diferente de outros movimentos sociais que tinham dificuldades em

59

integrar as prostitutas às causas. Neste cenário, ocorrem muitas viagens de prostitutas pelo mundo, com o objetivo de participar de congressos sobre AIDS. Em 2002, a inclusão do descritor “profissional do sexo” na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério de Trabalho e Emprego.

No período que compreende os anos 2003 a 2015, os movimentos de prostitutas vão conquistando cada vez mais visibilidade e autonomia pautando diferentes debates e ações que dizem respeito à prostituição. Barreto (2015) aponta que é possível observar diferentes países se tornando cada vez mais articulados, tanto através de encontros de AIDS, como de redes e eventos próprios. Na década de 2000, vemos nos feminismos um crescente interesse pelo tráfico de pessoas, vinculado aos discursos sobre direitos de crianças.

Mais contemporaneamente, os movimentos de prostitutas, assim como, outros movimentos feministas, vão se tornando cada vez mais transnacionais. No âmbito da América Latina, temos a RedTrasex (Rede de Mujeres Trabajadoras

Sexuales de Latinoamérica y el Caribe) e no Brasil, a Rede Brasileira de Prostitutas, a ANPROSEX Articulação Nacional de Profissionais do Sexo Central única de Trabalhadores e Trabalhadoras Sexuais (CUTS). Todos estes grupos têm atuado na perspectiva de articular e lutar pelos direitos das trabalhadoras sexuais, assim como, pela garantia de políticas públicas que reconheçam este grupo social, que historicamente tem sido estigmatizado e discriminado.

60

2. A PESQUISA

*Porque de repente a gente volta
E na volta a gente toca, toca, toca
Porque de repente, e muito mais que repente
A gente se olha, se vê, se abraça
E no abraço, contos, memórias, histórias
O que se passa? Que faço de novo na Praça?
Porque de repente o porquê não importa
Mas estar, sentar, conversar
Encontrar! Papear! Batalhar!
Reencontros! Novidades! Experiência!
Encontro etnográfico!
Duas faces, entrefaces, disfarces e desvelamentos.*

Fernanda Priscila Alves da Silva

A pesquisa e o campo. Estar pesquisando. Estar em campo. Movimentos descontínuos e marcadamente complexos. A definição do tema, as perguntas que emergem, os questionamentos, a construção do processo e do caminho a percorrer, o método escolhido, as referências teóricas que dão suporte à pesquisa são movimentos que se desenrolam no fazer/tecer um estudo.

Nesta pesquisa especificamente, retornar ao campo “aparentemente conhecido”, e “estranhamente” ainda por conhecer, é um movimento audacioso. Aproximar-se da Praça da Sé e reencontrar as mulheres provoca diversas reações/ emoções/ sentimentos, pois a relação com este espaço vem acompanhado de memórias de outros encontros e da experiência construída. Para Clifford (2014), a “experiência” tem sido de grande importância no processo de garantia de autoridade etnográfica. Assim, “a experiência evoca presença participativa, um contato sensível com o mundo a ser compreendido, uma relação de afinidade emocional com seu povo, uma concretude de percepção. A palavra também sugere um conhecimento cumulativo, que vai se aprofundando” (CLIFFORD, 2014, p. 35).

É sobre este conhecimento e saber cumulativo que vai se aprofundando,

que me aproximo novamente do campo, trazendo no bojo novas perguntas, buscando conhecer mais um pouco desta realidade e das vivências das mulheres da *batalha*. O foco agora é compreender de que modo as mulheres educam, cuidam e socializam seus filhos e filhas. Que modos de organização surgem desta prática? Neste sentido, a aproximação da Praça vem agora acompanhada da aproximação da casa, e de outros espaços onde as mulheres circulam com seus filhos e filhas. Trata-se, pois, de estar na rua e estar na casa. Assim, a pesquisa ancora-se no modo de fazer etnográfico, em particular, de uma etnografia que emerge da rua e das interações que são tecidas e construídas aí.

61

A imersão na rua e no movimento neste sentido teve a pretensão de ser a aproximação da pesquisadora com as sujeitas e sujeitos desta pesquisa. Uma aproximação que possibilite encontros, estranhamentos, deslocamentos, construções e desconstruções. O caminho etnográfico da observadora / pesquisadora tem se constituído a partir desse “estar junto”. Estando junto na rua, observando o cotidiano e para além desta observação participando da trama que envolve estar na rua junto às trabalhadoras sexuais. Por outro lado, também estar junto com o movimento tecendo estratégias e enfrentamentos, e assim, neste movimento aprendendo no campo e com o campo como pesquisar. O objetivo é justamente observar como são tecidas as relações nestes espaços, seja rua, seja movimento de prostitutas e como estas relações são atravessadas pelo processo de cuidado e educação das filhas e filhos. O trabalho etnográfico será uma ferramenta importante neste processo, visto permitir essa observação das interações e relações, entre trabalhadoras sexuais e seus filhos e filhas, assim como entre os outros atores presentes no contexto.

A partir desta perspectiva compartilho do que Clifford (2014) que ancorado na leitura de Marjorie Shostak, denomina de “encontro etnográfico”, ou seja, na obra desta autora *Nisa*, sua principal interlocutora, torna possível através de sua história de vida a narrativa da existência das “mulheres”. Estar em campo com as mulheres demarca uma perspectiva que tem sido compartilhada pela epistemologia feminista, ou seja, por meio do relato etnográfico, se espera que em uma relação de intimidade com outra mulher que narra sua trajetória seja possível aprofundar o sentido de ser mulher, ou ainda, o processo de tomar consciência e o

compartilhar de experiências pelas mulheres.

2.1 Etnografia das Interações: pesquisando a partir da Rua e do Movimento

No campo da ciência política, a antropologia se preocupa com a peculiaridade do objeto de pesquisa e esta talvez seja, no pensamento de Peirano (2012), a tarefa mais artesanal e ambiciosa entre as ciências sociais. Assim, “ao submeter conceitos preestabelecidos à experiência de contextos diferentes e particulares ela procura dissecar e examinar para então analisar, a adequação de tais conceitos (p. 15)”. Esta autora afirma que a pesquisa de campo antropológica tem sido concebida como uma procura incessante do diálogo com o outro. Assim, o processo de estranhamento é uma via para confronto de diferentes teorias e meio para autorreflexão.

62

Como o observador é parte integrante do processo de conhecimento e descoberta, pode-se dizer, que na antropologia não existe fato social, mas “fatos etnográficos”, salientando que houve seleção no que foi observado e interpretação no relato (PEIRANO, 2012, p. 17).

Com Geertz (1989, p.15) aprendemos que praticar etnografia significa “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”, nesta perspectiva fazer etnografia implica em desvendar o *ethos* e *habitus* da comunidade/pessoas/sujeitos pesquisados. Para Peirano (2012), a etnografia não é algo que se faz espontaneamente, assim, a pesquisa de campo surge como algo mais que um mero ritual de iniciação. Desse modo, “não há como ensinar a fazer pesquisa de campo” (GEERTZ, 1989, p.22), pois se trata da experiência que é construída no próprio campo.

Magnani (2002) aponta que esta experiência tem como condição o pressuposto de que ambos, pesquisador/a e pesquisado/a, participam do processo. Assim, o método etnográfico não deve ser confundido, nem reduzido às técnicas, ainda que possa usar várias, ele é antes “um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos” (p. 17). Desse modo, uma etnografia consistente é aquela que, segundo Magnani (2002) é experimentada e reconhecida pelos atores sociais, identificada pelo/a pesquisador/a, podendo ser

descrita em categorias, assim, para os primeiros é o contexto de experiência e para o segundo, chave de inteligibilidade e princípio explicativo.

Nesta pesquisa, opto pelo método etnográfico, por permitir no processo de pesquisa de campo e construção dos dados, a interação com o outro e a possibilidade de participar das tramas e dramas vivenciados pelos atores sociais deste contexto. Neste caso, os atores sociais, são majoritariamente, as mulheres da *batalha* e seus filhos e filhas. Além das mulheres iremos considerar os diversos atores sociais que compõem o cenário da prostituição e os contextos nos quais as mulheres educam e cuidam seus filhos e filhas. A opção é por fazer um trajeto de pesquisa com estes atores, pautado do conhecimento e reconhecimento do lugar e território onde as mulheres da *batalha*, visto já ter uma aproximação do cenário em decorrência do trabalho desenvolvido anteriormente no Mestrado. Para Dias (2006, p.54),

Todo trajeto de pesquisa constitui do conhecimento prévio que possuímos do campo, os adquiridos nele e, conseqüentemente, as análises que seguem após o contato com o outro. O que parece ser um modelo linear de método para a produção de um conhecimento na verdade é entrecortado por sobressaltos, idas e vindas, decepções, angústias, desprezo e surpresas que necessitam de um mínimo de trejeito pessoal e de instrumentos teóricos – metodológicos que possam viabilizar a resolução do problema.

63

Magnani (2009) afirma que a etnografia é uma forma de operar onde o/a pesquisador/a entra em contato com o universo dos/as pesquisados/as e compartilha de seu horizonte, em um processo de relação de troca. Nesta relação, compara suas próprias teorias com as dos/as pesquisados/as e assim busca sair com um novo entendimento da realidade, ou pelo menos um novo olhar não previsto anteriormente. Na perspectiva de Magnani (2009) há que distinguir entre “prática etnográfica” de “experiência etnográfica”, assim, enquanto a prática é programada e contínua, a experiência é descontínua e imprevista.

Nesta pesquisa, o foco será a etnografia de rua, pelo fato das mulheres da *batalha* estarem situadas na rua/prça, enquanto exercem sua profissão e agenciam seu cotidiano em suas mais variadas facetas: cuidado com os/as filhos/as, relação com clientes e/ou companheiros/as, resolução de questões como saúde, alimentação, educação, participação de outros espaços e contextos. Para Rocha e Eckert (2013), a etnografia de rua “é uma adesão à antropologia em

seu método clássico, mas, mais do que esta filiação, é um diálogo com novos tempos interpretativos da antropologia em seus paradigmas críticos” (p. 12).

A rua é o lugar onde se convergem múltiplos sentidos e se constroem diversas significações sobre a realidade e o contexto. Na rua, as pessoas constroem redes de relações e interações, vivenciam dramas, encontros, desencontros, compõem o cenário e o corporificam dando gostos, sabores, cheiros, ruídos, imagens, cores e som. A rua é, portanto o espaço vivido, “onde o corpo coletivo pode narrar a cidade” (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 13).

A etnografia de rua está relacionada aos estudos pioneiros da Antropologia Urbana, sendo Collete Pettonet (1982) a referência na França e, no Brasil, Gilberto Velho (1973, 1980). Em Gilberto Velho, verificamos que o/a pesquisador/a pertence à cidade e a constrói, portanto ele/a faz parte da sociedade que está sendo pesquisada, por isso, será necessário construir o lugar marcado pelo estranhamento em relação aos fenômenos que compõem a vida urbana. É necessário: “estranhar o familiar”, nas palavras de Gilberto Velho (1973).

A partir da rua e dos encontros possíveis neste espaço, nossa busca tem sido a de aproximar das mulheres da *batalha*, em relação e interação, observando de que modo elas constroem formas de organização no que tange ao cuidado, educação e socialização de seus filhos e filhas.

64

Neste caso, a partir da perspectiva de Magnani (2002), será fundamental, visto que estamos em contexto urbano, considerar dois fatores constituintes: “a paisagem (entendida como o conjunto de espaços, equipamentos e instituições urbanas) e os atores sociais” (p.252). A paisagem se configura no resultado das práticas, intervenções e modificações impostas pelos diferentes atores que estão presentes no contexto urbano. Desse modo, a decisão é de acompanhar os “indivíduos” em seus trajetos habituais, o que permite revelar o mapa de deslocamentos destes indivíduos. Esse modo de operar é denominado por Magnani (202) pela perspectiva “de perto e de dentro”, ou seja, acompanhar tais indivíduos significa “apreender os padrões de comportamento não de indivíduos atomizados, mas de múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais, cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos” (MAGNANI, 2002, p. 267).

2.2 Por uma abordagem de gênero e da diferença: o campo corporificado

*Ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou Masculino e Feminino...*

*Olhei tudo que aprendi
E um belo dia eu vi...
Que ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou Masculino e Feminino.
Pepeu Gomes*

O tema da prostituição tem sido debatido por diversos ângulos e olhares, tais como sexualidade, violência, gênero, identidade, classe, trabalho, família, dentre outros. Nesta pesquisa, a perspectiva de gênero é utilizada como uma categoria relacional, de modo que sua construção está ancorada nas interações, assim, os comportamentos e atributos associados ao feminino e masculino não estão fixos aos sexos do homem e da mulher.

Compreender as diferenças de gênero como categoria analítica, em detrimento das diferenças por sexo, tem se apresentado como um desafio no campo das Ciências Sociais. Desde o início o feminismo tem buscado desenvolver novos paradigmas de crítica social, questionando o projeto filosófico dominante, segundo o qual a objetividade transcende qualquer situação ou perspectiva (GOLDANI, 1997).

As teorias feministas, desde os anos 1960 até 1980, mostravam um padrão específico: a reflexão se localizava a partir de mulheres brancas de classes médias dos Estados Unidos e da Europa Ocidental. Assim, tendências universalizantes, que eram

questionadas pelas feministas, eram colocadas em voga novamente a partir de suas práticas. Ao fazer uma revisão das propostas feministas neste início, se percebe que ao tratar das causas da opressão feminina, estas se inclinaram para teorias essencialistas que enfatizavam as diferenças biológicas entre mulheres e homens. bell hooks em *Teoria Feminista: da margem ao Centro* demonstra que na verdade quando em 1960 a marcha feminista foi protagonizada as mulheres, em

geral, sequer sabiam da existência uma das outras. Para esta autora, o movimento feminista acontece quando grupos de pessoas se reúnem em torno de uma estratégia organizada com o objetivo de combater o patriarcado. Ao apresentar elementos de sua trajetória pessoal bell hooks sinaliza que o lugar de onde vem situa o tipo de feminismo a ser construído.

Cresci e fui educada no seio de uma família patriarcal; e foi a partir dela que desenvolvi uma consciência feminista. Meu grito de revolta feminista ocorreu quando decidi ingressar na universidade, desafiando as crenças patriarcais de meu pai e o receio de minha mãe, pois na visão deles, estudar demais não “combinava” com os interesses de uma mulher de verdade (HOOKS, 2019^a).

Nos anos 1970, diferentes influências culturais propuseram a separação das esferas doméstico/público e já no início dos anos 1980 enfatiza-se as condições de trabalho da mulher, a sexualidade feminina e suas responsabilidades no que tange ao cuidado dos/as filhos/as, destacando a importância do status das mulheres e suas diferenças em relação aos homens. Já na metade dos anos 1980 “o gênero emerge como uma categoria de análise que trata de demarcar suas diferenças com a categoria sexo e se distingue da perspectiva de status da mulher e de papéis sexuais” (GOLDANI, 1997, p.72). A escola feminista francesa é a grande difusora de novas propostas teóricas e propõem uma ênfase maior nos significados em detrimento das causas dos fenômenos e afirmam que para um maior entendimento da questão seria necessário que os campos de pesquisa não fossem divididos. Neste processo, é importante apontar que o pensamento e a prática feminista foram profundamente alterados quando mulheres negras e brancas começaram a questionar a ideia de gênero como fato, que acima de todos definia o destino das mulheres. Desse modo, atentar-se para a inter-relação entre gênero, raça e classe social foi a perspectiva que mudou os caminhos do pensamento feminista (HOOKS, 2019).

Para Costa (2009), o feminismo como movimento social, é um movimento que surge no bojo do pensamento iluminista e das ideias da Revolução Francesa e Americana, se espalhando, em um primeiro momento, nas questões relacionadas aos direitos sociais e políticos. A partir do momento em que o movimento vai sendo gestado e reconfigurado, se

insere em um movimento mais amplo de mulheres e a partir daí “distingue-se pôr

defender os interesses de gênero das mulheres, por questionar os sistemas culturais e políticos construídos a partir de papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres, pela definição da sua autonomia em relação a outros movimentos, organizações e ao Estado” (COSTA, p.54).

No Brasil, assim como em outros países da América Latina, na primeira metade do século XIX surgem as primeiras manifestações feministas por meio da imprensa feminina. No final do século XIX, as mulheres brasileiras compunham parte significativa da produção social e estavam presentes e ocupando de forma cada vez mais crescente o trabalho na indústria. Sob a influência das ideias anarquistas e socialistas, trazidas pelos imigrantes espanhóis e italianos, muitas mulheres começam a incorporar as lutas sindicais, na defesa de melhores condições de trabalho. Neste processo, surgem as organizações que se autodenominavam feministas e estavam discutindo e defendendo os direitos das mulheres. Em 1906, acontece o Congresso Internacional do Livre Pensamento organizado pelo Centro Feminista de Buenos Aires e o Primeiro Congresso Internacional Feminista realizado também na Argentina, em 1910. Em 1916, o Congresso é realizado em Yucatan, no México (COSTA, 2009).

A criação do Partido Republicano Feminista, por Leolinda Daltro, no Brasil, tem como objetivo mobilizar as mulheres na luta pelo sufrágio. Desde os anos 1920, a luta sufragista se amplia, em muitos países da América Latina. Assim, o Equador, em 1929, foi o primeiro país a estabelecer o voto feminino; no Brasil, Uruguai e Cuba, no início dos anos 1930; e na Argentina e Chile, após a Segunda Guerra Mundial. No México, Peru e Colômbia o direito ao voto acontece somente na década de 1950. Em 1964, com o golpe militar, no Brasil, e posteriormente nos anos 1970 em vários outros países latino americanos, os movimentos de mulheres, juntamente com os demais movimentos populares, foram silenciados e massacrados. No entanto, a participação feminina durante o processo de transição do regime autoritário é intensa.

A consciência feminista latino-americana foi alimentada pelas múltiplas contradições experimentadas pelas mulheres atuantes nos movimentos guerrilheiros ou nas organizações políticas, por aquelas que foram obrigadas a exilar-se, que participaram do movimento estudantil, das organizações acadêmicas politizadas e dos partidos políticos progressistas (COSTA, p. 58).

O movimento feminista brasileiro dos anos 1970 é marcadamente amplo e

heterogêneo, articulando-se de várias formas contra as opressões das mulheres na sociedade e pelo processo de redemocratização. Nos anos 1980, novos dilemas surgem ao movimento feminista, assim, o eleitorado feminino passa a ser alvo do interesse partidário e então se começam a incorporar as demandas das mulheres nos programas e plataformas eleitorais. Na década de 1990, por sua vez, se inicia uma situação de fragilidade dos organismos de governo para mulheres, sendo pautados pelo conservadorismo dominante no Estado. É nesse período que são criadas muitas ONGs feministas, que passam a exercer de forma especializada e profissional a pressão junto ao Estado (COSTA, 2009).

Neste contexto crescem e se multiplicam as várias modalidades de organizações e identidades feministas. As mulheres pobres se articulam sem seus bairros através de associações, as operárias por meio dos departamentos femininos de seus sindicatos e centrais sindicais, as trabalhadoras rurais através de suas várias organizações, as prostitutas sob a liderança de Gabriela Leite e Lourdes Barreto vem se fortalecendo buscando o reconhecimento de seus direitos. Estas organizações começam a se auto identificar com o feminismo, o chamado feminismo popular.

A teologia feminista popular, por exemplo, se insere neste contexto, como um amplo e histórico movimento de articulação e organização de lutas por libertação das mulheres. Sua produção teológica compreende-se a si mesma no amplo marco da Teologia da Libertação. Desde a década de 1980, “a presença das mulheres no movimento popular vai exigir o reconhecimento de seu papel como sujeito histórico, isto é, como sujeito de próprio direito nas transformações sociais e nas decisões sobre o destino que afeta o mundo, a história e a humanidade” (SILVA, 2015, p.16).

Gebara (2007) afirma que é desde 1982, que começamos a cantar o refrão “Deus é menina e é menino”, de autoria de Pepeu Gomes, uma brecha que se abre na cultura popular para quebrar paradigmas e considerar a questão da “possibilidade de acolher o rosto feminino da divindade” (GEBARA, p.09). Todo este processo de desconstrução presente em todos os campos da sociedade vai apontando um processo de transformação tecido e construído a partir das lutas feministas em suas mais variadas formas e modos.

A partir da memória deste processo e das opções teóricas e metodológicas que venho traçando considero a abordagem de gênero como fundamental, isto implica em querer memorar a história de lutas das mulheres ao longo da história,

com seus vários rostos e sentidos, o que pressupõe, portanto, buscar estabelecer o diálogo com a proposta da

68

pesquisa e os estudos de gênero desde o campo educativo e teológico¹¹. Assim, nesse complexo campo da temática gênero/feminismo e educação, trazer gênero como categoria de análise, segundo a perspectiva das mulheres é romper com as invisibilidades e com as “exclusões não confessadas” (GEBARA, 2000, p. 29).

As análises do gênero aparecem no feminismo dos anos 1980, como meio de avaliar a diferença entre os sexos e denunciar o uso de certos poderes a partir da afirmação da diferença. O gênero é considerado um importante instrumento para mostrar a inadequação das diferentes teorias explicativas da desigualdade entre homens e mulheres por meio da natureza biológica. Concretamente, trata-se de mostrar que poderes atuam na divisão social do trabalho e na organização dos diferentes aspectos da vida em sociedade, ligados à relação entre homens e mulheres. As feministas são unânimes em afirmar que as análises a partir do gênero nos ajudaram a evitar dois grandes perigos: o primeiro é considerar o masculino como normativo para a humanidade (androcentrismo) e o segundo é crer no assexualismo da atividade científica (GEBARA, 2000, p. 104).

Ainda não existe um acordo definitivo acerca do conceito “gênero” e sua utilização é recente, de modo que foi o feminismo que abriu espaço para utilizar o conceito e desenvolver estudos, pesquisas, reflexões e teorias dos sistemas de gênero. Assim, compartilho do pensamento de Paixão (2014), quando afirma que a perspectiva da teoria feminista para o contexto de análise dos processos de exclusão das mulheres é fator fundamental para entendemos a situação das mulheres no contexto atual.

Ivone Gebara (2000) aponta que o conceito de gênero diz respeito à diferença. Segunda a autora, existe uma infinidade de diferenças: entre homens e mulheres, entre homens e homens, entre mulheres e mulheres. Ademais, existem outros cruzamentos que delimitam as singularidades das pessoas, tais como idade, cultura, religião, etnia etc. Tais diferenças “são fundamentais na análise de gênero, defendida por Gebara, pois para transformar situações marcadas pela injustiça, é necessário compreender as contradições e os antagonismos que marcam as relações sociais” (PAIXÃO, 2014, p. 23). O conceito de gênero, para Gebara, não é só um instrumento de análise, mas também “instrumento de autoconstrução feminina e de tentativa de construção de relações sociais mais fundadas na justiça e na igualdade, a partir do respeito à diferença” (GEBARA,

2000, p. 105).

Gebara (2000, p. 106) parte da afirmação segundo a qual gênero não significa a pensar ser homem ou mulher no sentido biológico, mas “uma construção social, um modo

¹¹ O campo teológico se constitui de modo especial, a Teologia da Libertação e Feminista, a base de minha formação e a sustentação teórica que tem fundamentado meu fazer/tecer a pesquisa, assim como a Pedagogia da Libertação nos moldes propostos por Paulo Freire. Autoras como Ivone Gebara e Elizabeth Fiorenza têm sido minhas referências nesta abordagem de gênero.

69

de ser no mundo, um modo de ser educado/a e um modo de ser percebido/a” que de certo modo condicionam o agir de cada pessoa. Desse modo, o gênero não está relacionado apenas com o masculino ou feminino, mas com os elementos que estão presentes nestas relações, o que supõe o biológico, mas o ultrapassa. Assim, quando falamos em gênero, estamos falando a partir de lócus, de um modo particular de ser no mundo, mas também falamos no plural, a partir da diversidade presente em nossa cultura e nas situações.

A “noção de gênero é uma chave para compreender certos aspectos da relação humana, mas não é uma chave absoluta” (GEBARA, p. 109), por isso, enumera alguns aspectos que podem contribuir na análise e complexidade deste conceito. O primeiro aspecto se refere à necessidade de “sair do universalismo do discurso masculino”; o segundo aspecto à ampliação de nossa concepção do masculino/feminino e por fim, o terceiro aspecto refere-se à uma visão diferente da “simbólica do mal”, ou seja, as análises a partir do gênero, nos permitem uma visão diferente da “simbólica do mal” na medida em que introduz uma “dinâmica entre as relações humanas que vai além das simples oposições” (p. 110).

A introdução da mediação do gênero em epistemologia impõe uma maneira diferente de compreender o conhecimento humano, esta mediação nos leva a uma crítica do universalismo das ciências humanas, ou seja, as afirmações feitas em ciências humanas geralmente têm sido apresentadas como sendo do “humano”, entretanto, elas se referem, sobretudo, a experiência masculina, e muitas vezes expressam a visão de mundo a partir do Ocidente.

Para além da crítica ao universalismo das ciências humanas, é preciso superar o dualismo que tem persistido na ciência ocidental. Para Gebara (2000, p.

117), “este dualismo se manifesta muitas vezes sob a forma de oposições, como se quisesse afirmar a negatividade ou o valor inferior de um polo em relação ao outro”. Tal dualismo refere-se não somente a um dualismo epistemológico, mas ético. O modo como dividimos o pensamento em bem e mal, inferior e superior, feminino e masculino demonstra que existe uma conexão íntima entre estas questões epistemológicas, as questões éticas e as questões de gênero.

Neste sentido, toda epistemologia é de certa maneira uma ética e toda ética é também uma epistemologia. Um conhecimento que despreza a contribuição das mulheres não é apenas um conhecimento limitado e parcial, mas um conhecimento que mantém um caráter de exclusão. Sua pretensão à universalidade já revela seus limites. Podemos afirmar que, a nível concreto das análises feministas, é um conhecimento que não é

70

muito atento à dimensão ética da justiça, de igualdade e de respeito pela pluralidade dos seres e de suas experiências (GEBARA, p. 117).

Outro ponto importante neste processo de reelaboração dos conhecimentos das ciências humanas implica em “descobrir no relativismo cultural um dado positivo da riqueza do humano” (GEBARA, p. 119), assim, uma cultura do gênero ou um gênero cultural nos mostra que nosso conhecimento é constituído a partir de diferentes perspectivas, de ideologias diferentes, mas também a partir de uma experiência que se diferencia segundo a realidade feminina ou masculina. O movimento feminista, particularmente na América Latina, em toda sua diversidade, busca despertar a necessidade de agir de modo concreto sobre esta ideia de “destino social” e por meio de ações trabalharem na recuperação da “dignidade perdida ou ocultada” (GEBARA, 2000, p. 120).

O cotidiano será apresentado por Gebara (2000), como um elemento importante na historiografia das mulheres, ele é entendido aqui não como a história dos fatos grandiosos, mas a vida do dia a dia. Os enfrentamentos diários para sobreviver, para criar condições de vida, para conseguir trabalho, para batalhar, encontrar sentido para a vida. O cotidiano tem a ver com a vida que se gesta na rua e na praça, na casa e no quarto, ou seja, “o cotidiano das mulheres se introduz na ciência chamada universal para lembrar-lhe o concreto, as coisas que necessárias à vida ou à sobrevivência” (GEBARA, 2000, p. 121).

Considerando a heterogeneidade do pensamento feminista, Piscitelli (2008) enfatiza que ele está longe de se constituir um todo unificado. Ao final da década

de 1990, por exemplo, em debate internacional emergem categorias que nos mostram a multiplicidade de diferenciações de como se articula a categoria gênero ao social. Estas categorias são categorias de articulação e as interseccionalidades. Piscitelli (2008) então nos apresenta autoras que utilizam tais conceitos, estando entre elas Mcklintock (1995) e Crenshaw (2002) que optam pelas interseccionalidade e Brah (2006) que utiliza ambos os conceitos.

A ampliação destas categorias se difunde desde os anos 2000 tal como acontecerá com o conceito gênero assumindo conteúdos diferentes segundo as abordagens teóricas das autoras que com elas trabalham. Neste ponto, Piscitelli (2008) nos situa que desde o final da década de 1980, a emergência destas categorias se apresenta a partir dos diversos olhares de autoras que se encontram em diferentes tradições disciplinares e que, portanto, estiveram publicando textos críticos sobre gênero. A autora cita Scott (1988) no campo das historiadoras, Strathern (1988) na antropologia, Haraway (na história da ciência) e Butler (1990) na filosofia. Neste trabalho temos citado Gebara (2000) no campo da teologia e

71

filosofia em contexto da América Latina. Se na década de 1970, o conceito de gênero era pensado como construção cultural e, portanto, um avanço no marco da distinção entre sexo e gênero, na década de 1980, se questionam os pressupostos presentes na distinção sexo/gênero. Neste processo, algumas autoras têm apontado a importância de se discutir gênero considerando outros marcadores: classe, raça, geração, gênero. A partir destas questões colocadas, as interseccionalidades e/ou categorias de articulação, como propostas de trabalho oferecem ferramentas analíticas para “apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades” (PISCITELLI, 2008, p. 266).

Na busca de romper os silêncios sobre a realidade das mulheres negras, estas, assumem o compromisso feminista de escrever e criar trabalhos que conectasse às mulheres negras que não sabiam sobre o feminismo ou então eram hostis ao movimento construído pelas mulheres brancas. A poeta negra e ativista lésbica Audre Lorde ao compartilhar seu poema “A Litany for Survival” [Uma litania por sobrevivência] nos coloca diante da questão do silêncio, principalmente em relação às mulheres negras. Nesta perspectiva, bell hooks aponta que o pensamento feminista deveria antes de tudo, integrar análise crítica e experiências

peçoais, ou seja, o novo pensamento feminista deve ser compartilhado no contexto de pequenos grupos promovendo uma educação para a consciência crítica (HOOKS, 2019, p. 66).

Kimberlé Crenshaw (2002), em um processo de desconstrução de um feminismo que tem sido regido por uma visão eurocêntrica aponta que é urgente discutir a desigualdade que atinge as mulheres em todo o mundo, desse modo, as atividades dos direitos humanos têm realizado nos últimos anos movimentos de lutas e enfrentamentos, o que por sua vez vem assegurar maior inclusão do tema do abuso aos direitos relativos às mulheres e ao gênero no campo dos discursos dos direitos humanos.

Goes (2019) afirma que feministas negras aplicam a interseccionalidade antes mesmo deste conceito ter ganhado visibilidade com Kimberlé Crenshaw. Ele denuncia a ausência das mulheres negras nas plataformas e agendas políticas do movimento de mulheres e movimento negro. A autora resgata algumas intelectuais negras brasileiras: Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Sueli Carneiro para evidenciar que as mulheres negras têm estado sempre em situação de estã sempre em situação de desvantagem quando comparadas às mulheres brancas e aos homens negros e brancos.

72

Nas trajetórias das mulheres negras há um entrelaçamento de várias estruturas de opressão e desigualdades, sendo que raça e gênero são os principais fatores responsáveis que conduzem às diferenças de classe; por isso que as intervenções políticas e sociais para as mulheres negras devem ter como base as suas intersecções [...] As feministas negras introduziram novos desafios teóricos, metodológicos e políticos, explicitando diferenciações na identidade das mulheres e nos fatores de subordinação aos quais estamos submetidas, demonstrando como mecanismos políticos e ideológicos produzem experiências distintas de opressões (GOES, 2019, p. 05).

A garantia dos direitos das mulheres e ampliação da proteção dos direitos humanos a partir do gênero exige, portanto, uma atenção às várias formas pelas quais o gênero “intersecta-se com uma gama de outras identidades e ao modo pelo qual essas intersecções contribuem para a vulnerabilidade particular de diferentes grupos de mulheres” (CRENSHAW, 2002, p. 174.). O conceito de interseccionalidade apontado pela autora tem fundamental importância nesta discussão, na medida em que seu significado questiona e provoca interlocução

entre as várias dimensões e/ou modos de subordinação presentes nos diversos contextos. A interseccionalidade é uma:

conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos de desempoderamento (CRENSHAW, p. 177).

Outra abordagem, denominada por Anne Mcklintock e Avtar Brah, como construcionista coloca destaque nos aspectos dinâmicos e relacionais da identidade social. Nesta abordagem, são traçadas as distinções entre categorias de diferenciação e sistemas de discriminação, entre diferença e desigualdade (PISCITELLI, 2008). Mcklinton (1995), nos Estados Unidos, se localiza no marco dos estudos culturais e entende que raça, gênero e classe não são dimensões diferentes da experiência, mas categorias articuladas. Por outro lado, Brah (2006), na Inglaterra, faz uma leitura ampla das políticas de agência, pensando as relações patriarcais, ao invés do conceito de patriarcado. Piscitelli (2008) afirma que a proposta de Avtar Brah é

Trabalhar, não com gênero como categoria analítica, como por exemplo, Scott, mas com „diferença“ como categoria analítica. Essa ideia remete à análise de como formas específicas de discursos sobre a diferença se constituem, são contestados, reproduzidos e (re)significados, pensando na

73

diferença como experiência, como relação social, como subjetividade e como identidade (PISCITELLI, 2008, p. 269)

Para Brah (2006) as questões de diferença estão no centro dos debates feministas contemporâneos assim como diversidade, pluralismo, hibridismo. Ao fazer uma revisão dos debates feministas, a autora sugere que os feminismos branco e negro “não devem ser vistos como categorias essencialmente fixas e em oposição, mas antes como campos historicamente contingentes de contestação dentro de práticas discursivas e materiais” (BRAH, p. 331). Nesta perspectiva, a importância de um macro análise é apontada pela autora como possibilidade de estudar as inter-relações das várias formas de diferenciação social, empírica e históricas. A “diferença” é construída de maneira diferentes dentro dos discursos.

Nosso gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro das relações globais de poder. Nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos. Dentro dessas estruturas as relações sociais não existimos simplesmente como mulheres, mas como categorias diferenciadas, tais como “mulheres da classe trabalhadora”, “mulheres camponesas” ou “mulheres imigrantes”. Cada descrição está referida a uma condição social específica. Vidas reais são forjadas a partir de articulações complexas dessas dimensões (BRAH, 2006, p. 342).

A categoria “diferença” é conceituada por Brah (2006) a partir de quatro perspectivas: 1) Diferença como experiência, 2) Diferença como relação social, 3) Diferença como subjetividade e 4) Diferença como identidade.

Na primeira perspectiva, diferença como experiência, a autora demonstra que se trata de um conceito importante no feminismo, ou seja, a experiência é uma construção cultural que não reflete de maneira transparente uma realidade pré-determinada. A experiência é “um processo de significação que é a condição mesma para a constituição daquilo que chamados realidade” (BRAH, p. 360). A autora enfatiza que a “experiência é o lugar de formação sujeito” e “o lugar de contestação”, ou seja, espaço discursivo onde posições de sujeitos e subjetividades diferentes e diferenciais são inscritas. Desse modo, é importante demarcar os enfrentamentos necessários no campo ideológico que estão presentes na formação de sujeitos que são diferentes.

A segunda perspectiva, *diferença como relação social*, refere-se à maneira como a diferença é constituída e organizada em relações sistemáticas através de discursos econômicos, políticos, culturais e práticas institucionais. Este conceito coloca ênfase na

74

articulação historicamente variável do micro e macro regimes de poder, nos quais gênero, classe, racismo são instituídos em termos de formações estruturadas.

Na terceira perspectiva, apontada por Brah (2006), *diferença como subjetividade*, a autora verifica que os processos de formação da subjetividade são “ao mesmo tempo sociais e subjetivos”, sendo que ela pode ajudar a compreender os investimentos psíquicos dos sujeitos ao assumir determinadas posições. Por fim, a quarta perspectiva, *diferença como identidade*, demonstra que a experiência está intimamente ligada às questões de identidade. As identidades

são inscritas por meio de experiências que são construídas culturalmente, elas são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito.

Neste estudo, portanto, as categorias gênero e diferença tem destaque na medida em que nos possibilita compreender os processos de construção identitária das Putas em sua relação com filhos e filhas. A experiência entendida como “lugar de formação do sujeito” nos coloca diante dos processos de formação das Putas e suas diversas localizações no campo da construção de relações sociais, subjetivas e identitárias.

A quebra de paradigmas e de lugares supostamente instituídos, os quais definem a forma como as mulheres devem se posicionar no mundo, acompanhada das lutas das putafeministas tem demonstrado que é necessário e urgente, de novo – visto que, esta tem sido uma luta travada também pelas Trabalhadoras Sexuais desde a década de 1970 há um tempo – buscar construir caminhos de desconstrução de certo feminismo. Piscitelli (2016) tem apontado em suas pesquisas que há tensões no campo de discussão entre feminismos e prostituição, que indicam a necessidade de reivindicar uma compreensão e enfrentamento acerca das relações entre direitos diferenciados, conflitos e produção de conhecimentos sobre a prostituição. Piscitelli (2016) retoma alguns aspectos levantados por Hunt (2009) no livro “A invenção dos direitos humanos – uma história” sobre a noção de direitos. Segundo Piscitelli (2016), o trabalho de Hunt nos ajuda pensar em aspectos que torna possível compreender a continua diferenciação de direitos, e dentre eles, a reivindicação no âmbito dos direitos das mulheres e das prostitutas. Os conflitos que surgem neste processo devem considerar a força política que os direitos ganham e assim tornam-se cada vez mais causas legítimas. Neste sentido, urge pensar nas tensões elaboradas nestes enfrentamentos, assim

75

como as formulações de direitos de algumas correntes feministas e de organizações de prostitutas¹².

No mundo anglo saxão, as feministas discutiam e debatiam sobre as “guerras do sexo” e temas que giravam em torno da pornografia e prostituição. No Brasil, entretanto, as discussões caminhavam em outra direção. As décadas de 1970 e 1980, no âmbito das discussões feministas não trazem como pauta as

discussões sobre a prostituição. Para Gabriela Leite, foi a partir da década de 1980, que o quadro foi se modificando, oscilando em movimentos de rejeição, ambivalência ou de compreensão que o exercício da prostituição como escolha. Esta última visão impulsionada e liderada pela própria Gabriela.

No final da década de 1990, no processo de reconfiguração do movimento feminista no Brasil, um processo de articulação e inserção em organizações não governamentais cresce no país. As leituras sobre a prostituição, neste contexto, são associadas ao turismo sexual ao tráfico internacional de pessoas com fins de exploração. A década de 2000 é marcada pela criação de um novo marco para a atuação do feminismo numa perspectiva transnacional. Neste cenário, surgem movimentos de justiça global, de redes como a Marcha Mundial das Mulheres contra a violência e a pobreza.

No marco dos movimentos de prostitutas organizadas surgem novos movimentos que questionam a disseminação da oposição entre feminismos e prostituição. Estas são reivindicações das “putas feministas” que estão se articulando e colocam em xeque essa divisão e apontam que os direitos das prostitutas também se localizam no âmbito dos direitos das mulheres. Uma importante figura neste cenário é Monique Prada prostituta e ex-presidente da Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais (CUTS), e

¹² Um fato ocorrido em Salvador ilustra estas tensões e encontros. Fátima Medeiros, coordenadora da APROSBA (Associação de Prostitutas da Bahia), foi convidada para participar de um evento cuja pauta era discutir os direitos das mulheres e feminismos. Entretanto, a mensagem de uma das pessoas organizadoras do evento referindo-se a Fátima era a de que sua fala seria após a de outra convidada, anunciada como uma “mulher normal”, que abordaria o tema da violência doméstica. A primeira reação de Fátima foi: “Como assim mulher normal? E eu sou o que?”. Compartilhando a situação ela afirmara que iria ao referido evento, entretanto, afirmando que não poderia deixar de ocupar este lugar decidiu ir assim mesmo. No evento, havia várias referências importantes e que tem discutido os direitos das mulheres. O fato é que no momento de fala de Fátima ela fora interrompida diversas vezes, não lhe sendo permitida falar das vivências e lutas das prostitutas. Tal situação causou diversos sentimentos e reações, tanto em Fátima, quanto em todas as pessoas que tem acompanhado e se engajado na luta pelos direitos das prostitutas. A mulher “normal” e da qual foi lhe permitido o lugar de fala acompanhada de um “certo imaginário” de algumas pessoas da organização do evento não permitiram o lugar de fala da outra mulher, Fátima, que seria então a “mulher anormal”. As demarcações destes lugares têm atravessado, ainda, alguns feminismos, e impedido o fortalecimento de uma luta que deve incluir a todas.

à revista Glamourama¹³, Prada afirma (2018):

A questão sobre o trabalho sexual é bastante exótica. Não se exige, em nenhuma outra atividade, o amor pela profissão para legitimar a escolha por ela. Apenas na prostituição vamos ver esse discurso, e isso é bastante emblemático: a felicidade no trabalho não pode ser parâmetro para que se mereça ou não direitos trabalhistas. Basicamente, a prostituição é um lugar onde o senso comum diz que nenhuma mulher deve querer estar – e ainda assim, milhões de mulheres a tem exercido através dos séculos. Talvez este esteja longe de ser o pior lugar do mundo para uma mulher, mas há toda uma sociedade se esforçando para torná-lo péssimo.

A luta e questionamento feito por Monique Prada, Fátima Medeiros e as mulheres envolvidas nos Movimentos de Prostitutas impulsionam a construções de feminismos outros, ou como afirma Monique Prada, “*feminismo desde dentro*”, ou seja, é a partir do momento em que se escutam as vozes de todas as mulheres que os direitos começam a ser de fato priorizado.

Monique Prada (2018) fala em seu livro **Putafeminista** em *ativismo pulsante*, colocando-se o desafio de “escrever sobre feminismo, política, prostituição, militância, puta ativismo”. Sua escrita é intensa e instigante, pois, atravessada pela vivência como trabalhadora sexual e ativista. Mas, fundamentalmente, atravessada pela palavra. A palavra “solta e atrevida” ecoa trazendo os sons e melodias da putafeminista que se faz ativista e por isso mesmo denuncia os modos de estigmatização e preconceitos presentes e cada vez mais acirrado em contextos contemporâneos.

Murray (2016) faz uma discussão histórica, teórica e etnográfica acerca do ativismo de prostitutas no Brasil apontando o nascimento do movimento brasileiro de prostitutas com Gabriela Leite e Lourdes Barreto¹⁴ demonstrando que este primeiro movimento é marcado por uma busca das prostitutas em “falar por si”. A categoria *Putas Politics* é apontada pela autora como “a intenção do movimento e táticas que são utilizadas”, ou seja, esta ação entra na ordem dos processos de desconstrução da ordem da sexualidade, do rompimento entre as divisões entre instituições e rua, buscando cada vez mais a ocupação das prostitutas no âmbito político e de garantia de direitos.

¹³ Disponível em:

<https://glamurama.uol.com.br/voz-do-feminismo-no-brasil-a-prostituta-monique-prada-fala-para-a-revista-j-p> Acesso em: 12 jun. de 2018.

¹⁴ Juntamente com Gabriela Leite fundou e iniciou o Movimento de Prostitutas no Brasil. Fundadora do Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará (GEMPAC). Há mais de 30 anos continua atuando e fortalecendo o Movimento juntamente com outras ativistas puta feministas que lutam

O conceito *Putá Politics*, na perspectiva de Murray (2016) nasce da filosofia de Gabriela Leite e está presente no movimento desde seu início. Ele demarca outro modo de fazer política, marcado pela fluidez e alegria presente nos bares e nas ruas. Esta dimensão tem ficado muito evidente na medida em que dialogo com Fátima Medeiros. As visitas realizadas aos bares ou à Praça da Sé em sua companhia e a forma como se relaciona e aborda as mulheres tocando em questões relacionadas à APROSBA e aos direitos das prostitutas carregam essa dimensão da festa, alegria e prazer. As falas de Fátima vêm sempre acompanhadas de um “*Eu sou Puta e acredito que devemos nos reconhecer*” e a partir daí propõe conversas que giram em torno tanto de questões práticas do dia a dia das prostitutas (como por exemplo: família, clientes, estética, arte, música) como também questões que envolvem os direitos das prostitutas (saúde, violações, moradia, educação) e reconhecimento da classe enquanto profissionais/trabalhadoras.

*Na beirada do fogão mexendo, mexendo
Bem perto pulando, felizes e ofegantes...
Luna e João: “É chocolate. É chocolate.
-Tá fazendo chocolate, mamãe?
-Sim, respondo.
-UHUUUUU!!!!
E a festa continua...Eu à beirada do fogão
Vocês dançando felizes no chão. (22 de setembro de 2019)*

2.3 O Campo, a *Batalha*, a rua, o Movimento: diversidades e heterogeneidades no terreno da prostituição

O campo e o lugar de onde a pesquisa ganham fôlego e sentido, para além de ser o lugar da rua, com toda sua trama, é o lugar da *batalha*: este lugar onde as mulheres interlocutoras desta pesquisa falam e vivenciam suas experiências de profissionais do sexo, de putas, de mulheres da *batalha*, de trabalhadoras sexuais, de mulher guerreira, de mulher da vida. Enfim, quis trazer algumas formas pelas quais têm sido denominadas e autodenominadas as mulheres que têm a prostituição como uma forma (e muitas vezes não a única) de garantia da subsistência para suas necessidades pessoais e familiares para mostrar que neste *locus* existe uma heterogeneidade grande sobre os modos como as mulheres se

veem a partir deste lugar e como estabelecem diálogos com outros grupos sobre sua identidade.

O mercado do sexo, como vem sendo apontado por autoras como Piscitelli (2005), tem sido um lugar onde nos deparamos não apenas com a oferta-demanda, a procura por